

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Reinaldo Sudatti Neto

A visão de Gaspar Barleu sobre a fase holandesa no Brasil  
e  
o papel das obras de Piso e Margrave

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

São Paulo  
2010

Reinaldo Sudatti Neto

A visão de Gaspar Barleu sobre a fase holandesa no Brasil  
e  
o papel das obras de Piso e Margrave

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Tese apresentada à Banca  
Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção  
do título de MESTRE em História da  
Ciência sob a orientação da Profa.  
Doutora Márcia Helena Mendes Ferraz

São Paulo

2010

Banca examinadora

---

---

---

*Esta pesquisa é dedicada a minha mãe, que  
sempre acreditou e esteve perto de mim quando  
precisei.*

## *Agradecimentos*

*À minha orientadora Professora Márcia Helena Mendes Ferraz por ter aceitado a incumbência de levar o trabalho ao seu final, com tanta paciência e sabedoria*

*Aos professores do Programa de Pós- Graduação em História da Ciência que sempre me incentivaram e me fizeram acreditar no meu potencial.*

*Às professoras Doutoras Vera Cecília Machline e Lilian Al-Chuery Pereira Martins que tão gentilmente aceitaram o convite para a minha qualificação e enriqueceram a pesquisa com observações pertinentes e interessantes.*

*À Diretoria de Ensino de Jundiaí, que me contemplou com a bolsa Mestrado , sem a qual, este trabalho não poderia ter sido feito.*

*Às minhas queridas amigas Nancy, Rosângela , Luci e Silmara por sempre me incentivarem a entrar no Mestrado.*

*Ao meu diretor Paulo por todo o apoio para que eu realizasse o trabalho.*

*Ao Élcio e Cíntia, grandes pessoas.*

*Àquelas pessoas que passarão a fazer parte das minhas lembranças para sempre.*

*À minha querida mãe e à minha irmã que me ajudaram de muitas maneiras para que a pesquisa se realizasse.*

*À Washington Simões, que sempre acreditou em mim.*

## Resumo

Esta pesquisa objetiva estudar o modo como Barleu assimilou os conhecimentos sobre a fase de ocupação holandesa no Brasil e os possíveis papéis que as obras de Jorge Margrave *História Natural do Brasil*, editada em 1941, e *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, de Guilherme Piso, editada em 1957, teriam tido na elaboração do seu livro.

A obra elaborada por Gaspar Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, de 1647*, foi encomendada por Nassau que desejava que o autor fizesse um relato que enaltecesse seus feitos como administrador, durante os anos que permaneceu na liderança da empresa holandesa, no Brasil.

Nassau colocou à disposição de Barleu as narrativas e desenhos elaborados durante a fase holandesa, o que nos levou à formulação da hipótese de que ele teria se baseado nessas fontes para escrever seu livro.

No presente estudo, após a leitura e análise da obra de Barleu, reeditada em português, em 1974, foram encontradas muitas semelhanças dessa com as de Piso (1957) e Margrave (1941), o que nos levou a uma confirmação da hipótese de que Barleu teria se baseado em outros escritos para elaborar o seu livro sobre os feitos de Nassau e evidencia o papel dos escritores citados.

## Abstract

This research wants to investigate how Kaspar Barleus acquired the knowledge of Dutch occupation in Brazil. As well as the possible influences of Jorge Margrave's *Natural History of the Brazil*, published in 1941, and Guilherme Piso's *Natural History and Medicine of the Western India*, published in 1957, could have had Barleus' book.

The work produced by Kaspar Barleus, *Rerum in Brasilia et alibi gestarum*, in 1647, was commissioned by Nassau who wished to make a report to highlight his accomplishments as an administrator during his tenure as leader of the Dutch company in Brazil.

Nassau made available to Barleus narratives and drawings made during the Dutch occupation which led us to formulate a hypothesis of his reliance on these particular sources to write his book.

After reading and reviewing the work of Barleus, reprinted in Portuguese in 1974, we've found lot of similarities between his work and the works of Piso (1957) and Margrave (1941). These similarities let us to believe that our hypothesis is confirmed. In fact, Kaspar Barleus used writings of other authors as base to produce his book about Nassau's achievements.

## Sumário

1- Introdução.....	01-19
Capítulo1 - Uma abordagem da presença holandesa, no Brasil, no século XVII.	
1.1 A fase holandesa, no Brasil, através dos livros.....	19-24
1.2 O problema da documentação.....	24-28
1.3 Histórico dos Países Baixos, atual Holanda.....	28-31
1.4 As tentativas de ocupação.....	31-33
1.5 As realizações de Nassau.....	33-38
Capítulo2 - Sobre Barleu e a elaboração da sua obra..	
2.1 Gaspar Barleu .....	39-42
2.2 As obras de Piso e Margrave.....	42-44
2.2.1 Breve biografia de Piso.....	44-45
2.2.2 Breve biografia de Margrave.....	45
2.3 Comparação entre as obras de Barleu, Piso e Margrave.....	46-49
2.3.1 A cana-de-açúcar.....	49-52
2.3.2 A mandioca.....	52-55
2.3.3 Descrições das frutas.....	55-57
2.3.4 Parte dos animais.....	57-59
2.3.5 Algumas árvores.....	59-62
2.3.6 Observatório astronômico.....	62-63
2.3.7 Hidrografia.....	63-65
2.3.8 As salinas.....	65-66
Considerações finais.....	66-68
Bibliografia.....	68-71

## **A visão de Gaspar Barleu sobre a fase holandesa no Brasil**

**e**

## **o papel das obras de Piso e Margrave**

### **Introdução:**

#### **A fase holandesa no Brasil através dos livros**

Sobre esse período, no qual a Holanda esteve no nordeste brasileiro, a impressão que se chega a ter é que nada se fez de relevante durante este período em matéria de estudos quando, ao contrário, foram feitos muitos estudos da flora e fauna, além de observações astronômicas que podem ser usadas como um importante material para se saber a respeito do Brasil dessa época<sup>1</sup>.

Um povo deve saber sobre sua história e quando nos deparamos com o período holandês, no que diz respeito aos saberes desenvolvidos nesta fase, entre 1630 e 1654, é que vemos o enfoque que está sendo dado ao assunto, no decorrer do século passado, que neste caso não é muito abundante de informações, o que me levou ao interesse pelo assunto, que poderiam ajudar os estudantes e pessoas em geral a ter um conhecimento maior a respeito de autores como Gaspar Barleu, Guilherme Piso e Jorge Margrave, os quais contribuíram para o nosso conhecimento sobre este período.

As informações sobre o período no qual os holandeses estiveram no Brasil que se estendeu de 1630 até 1654, variam na forma como este tema é inserido nos livros didáticos, percebendo-se a importância que lhe começou a ser dada a partir de autores mais tradicionais, como Hélio Viana e Sérgio

---

<sup>1</sup> Para maiores informações consultar: Margrave. *História Natural do Brasil*. e Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*.



Buarque de Hollanda, no século passado até os mais recentes utilizados pelos estudantes no Ensino Fundamental e Médio, conforme os arquivos holandeses iam sendo pesquisados e transcritos para o português, aumentando o interesse pelos feitos dos holandeses no Brasil.

O tema sobre a presença holandesa no litoral nordestino, da Paraíba até o Rio Grande do Norte incluindo também Fortaleza e São Luís do Maranhão, no que diz respeito aos conhecimentos desenvolvidos, quase não é tratada por livros como o de Hélio Viana, *História do Brasil*<sup>2</sup>, por exemplo, sendo pouco visto até os anos do início do nosso século XXI, quando alguns livros mais recentes como o intitulado *História* de Reinaldo e Gislaine Seracopi, onde há menções sobre o tema, porém sem se abranger muito no assunto<sup>3</sup>.

Observam-se semelhanças com relação ao tratamento dado à fase holandesa nos livros de autores mais tradicionais que vão de Sérgio Buarque de Hollanda *Raízes do Brasil*, Hélio Viana *História do Brasil*, Fernando de Azevedo *A cultura brasileira*, chegando aos livros didáticos usados nas escolas de Ensino Fundamental e Médio dos anos 60 aos dias de hoje.

No caso de Sérgio Buarque de Hollanda no seu *Raízes do Brasil*, escrito em 1936, que trata da ocupação holandesa, há a colocação dos holandeses como um tipo de colono que segundo ele, não possuía uma plasticidade como a dos portugueses, tendo um espírito metódico e coordenado que dificultou sua inserção na cultura local.

Para o autor, o problema foi que esses colonos não eram do tipo aventureiro, pois para ele, a Holanda atravessava uma fase tão boa que os

---

<sup>2</sup> Viana, *História do Brasil*, 146-171.

<sup>3</sup> Seriacopi & Seracopi. *História*. p.222-226

colonos que poderiam servir para haver uma colonização efetiva, simplesmente não vinham.

Sérgio Buarque também coloca que no Brasil dos holandeses houve algo que não existia no Brasil português, que eram as divisões entre o meio rural e urbano o que transformava as cidades em centros independentes, porém não transpondo os muros desta opulência, colocando o autor esta falta de interação e absolvição da cultura nativa como algo negativo para os holandeses<sup>4</sup>.

Na questão dos conhecimentos desenvolvidos, é colocado por Sérgio Buarque de Hollanda a vinda de sábios que utilizaram os materiais encontrados no Brasil holandês para fazerem seus estudos e suas obras de arte, fazendo menção aos nomes de Guilherme Piso e Jorge Margrave.

O autor Sérgio Buarque de Hollanda coloca-se ao lado da colonização portuguesa por achá-la mais eficiente do que a holandesa e por esta primeira se adaptar melhor com as sociedades nativas e por ser o idioma português mais acessível aos nativos de terras como África e América, além de ver a religião católica como mais identificada com o imaginário das tribos nativas do Brasil, não faz uma história da dominação holandesa, mas faz uma análise sociológica deste tipo de colonização em relação aos portugueses<sup>5</sup>.

Já no livro de Hélio Viana, intitulado *História do Brasil*, escrito em 1963, o tratamento dado aos holandeses é diferente do de Sérgio Buarque de Hollanda, colocando a presença dos holandeses como invasora e questionando os feitos dos holandeses ou até minorando estes feitos, como, por exemplo, quando coloca questão do parlamento que os holandeses

---

<sup>4</sup> Holanda, *Raízes do Brasil*, p. 62

<sup>5</sup> Ibid p.62-66

levaram à cabo em Recife e a parte da tolerância religiosa, dizendo que não terem sido características tão marcantes.

Hélio Viana aloca no seu livro *História do Brasil*, a história da ocupação holandesa do seu início, em 1587, onde expõe as causas da invasão holandesa, em Pernambuco em 1630, usando de um tom ufanista, com muitos detalhes históricos, personagens e episódios heróicos da resistência, numa história que prima pelo saber enciclopédico, com um vocabulário requintado, fazendo questão de dar nomes e datas exatas dos acontecimentos, colocando um tom de heroísmo nos brasileiros e um tom depreciativo nos holandeses, sendo bem parcial, aos portugueses em suas colocações.

Hélio Viana faz menção, a Nassau, porém sem enaltecê-lo, colocando sua administração como não sendo tão gloriosa como se tinha achado até então, criticando os louvores feitos a ela, sem depreciar, no entanto, a comitiva de Nassau, reconhecendo seus préstimos<sup>6</sup>.

Segundo Sérgio Buarque de Hollanda, os trabalhos de Piso e Margrave foram importantes por se dedicarem ao estudo das plantas e à descrição de doenças existentes na região, realizando uma investigação clínica das enfermidades e das plantas que poderiam curá-las<sup>7</sup>.

Na *História do Brasil da colônia a república*, de Francisco Teixeira e José Dantas, escrito em 1971, já é mostrada a fase holandesa como tendo diferenças com as demais ocorridas na primeira metade do século XVII, sendo menos parcial, colocando os acontecimentos de forma menos detalhada se atendo mais a explicação de como os acontecimentos foram ocorrendo.

---

<sup>6</sup> Viana. *História do Brasil*. p.146-171

<sup>7</sup> Hollanda . *História Geral da civilização Brasileira*.p.153-4

Quanto à administração de Nassau, Francisco Teixeira e José Dantas procuram ser imparciais, porém comentam pouco sobre a comitiva de Nassau e nada colocam sobre as transformações nos conhecimentos feitos no Brasil holandês<sup>8</sup>.

Com relação ao livro sobre os *Judeus no Brasil colonial*, escrito em 1960 por Arnold Wiznitzer e traduzido por Olívia Krahenbuhl, há menções ao Brasil holandês e à administração de Nassau, ressaltando a importância dos judeus em Amsterdam e os problemas que a Inquisição trazia a eles em Portugal, promovendo sua ida para a Holanda, sendo assim um livro mais favorável a Holanda, colocando a importância dos judeus para o desenvolvimento da Holanda, não tendo uma postura positiva com relação a Portugal e Espanha.

O livro *Judeus no Brasil colonial* coloca que a língua holandesa era utilizada pelos escravos africanos, que a aprendiam para se tornarem intérpretes, comentando mais o lado dos holandeses e ponto de vista dos judeus que estavam no Brasil, os quais viram a invasão holandesa como uma libertação.

Na parte da perda da Bahia, pelos holandeses, em 1625, o livro ressalta a questão religiosa e conta sobre a conquista como algo rápido falando bem de Calabar e colocando menção as batalhas, comentando bem de Nassau e de suas melhorias sendo um pouco diferente no tocante a liberdade religiosa, colocando as tentativas de se tentar converter as pessoas à religião calvinista.

---

<sup>8</sup> Teixeira & Dantas. *História do Brasil da colônia a república*. p. 89-95

É um livro que aborda a questão dos judeus no Brasil colônia, que merece ser mais estudada, porém como seu foco é justamente sobre os judeus no Brasil, não menciona os conhecimentos aqui praticados no período<sup>9</sup>.

No livro *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil* de Fernando de Azevedo, escrito em 1950, discorre sobre o estado e a indústria do açúcar, havendo o comentário sobre o avanço da cultura canavieira no nordeste, dando-lhe grande importância no desenvolvimento e defesa da colônia, além de ter sido fonte de impostos para Portugal.

Na obra *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil*, os engenhos são mencionados como áreas de resistência aos invasores holandeses, assim como lugares de onde eclodiam ideais de liberdade, dando uma visão desoladora do panorama vivido pelos engenhos logo após a invasão holandesa e descrevendo a resistência dos engenhos como formadora da identidade nacional, falando sobre a reconstrução dos engenhos pelos holandeses, dando importância também à devastação deixada após as guerras de expulsão dos holandeses, não mencionando as atividades desenvolvidas no período pelos filósofos naturais vindos na comitiva de Nassau<sup>10</sup>.

No final do século passado, os livros didáticos como os de Divalte e o de Gislaíne e Reinaldo Seracopi, ambos intitulados *História* começaram a colocar mais referências aos conhecimentos que tiveram lugar na fase holandesa do Brasil<sup>11</sup>.

Percebe-se assim, que o tema ainda não é trabalhado com a importância que deveria ter, já que, segundo Fernando de Azevedo, foi no período holandês, mais propriamente na administração de Nassau que se

---

<sup>9</sup>Wiznitzer. *Os judeus no Brasil colonial*.p.36-48.

<sup>10</sup> Azevedo. *Canaviais e Engenhos na vida política do Brasil*. p.147-51

<sup>11</sup> Divalte. *História* p. 165-7 e Seriacopi & Seracopi, *História*.p.222-6

inaugurou uma fase de atividades, às quais o autor nomeia de “científicas”, com a vinda de estudiosos da natureza, cartógrafos e astrônomos que fizeram muitas obras de relevância sobre a medicina, flora e fauna brasileira<sup>12</sup> e ainda segundo Dante Teixeira Martins “estas descrições se constituem numa das poucas fontes disponíveis, representando de forma mais ampla as informações sobre o período colonial”<sup>13</sup>.

É interessante verificar que, nas obras de Barleu *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, na de Piso *História natural e Médica da Índia Ocidental* e na de Margrave *História natural do Brasil* há uma influência da medicina de Galeno ou humoral<sup>14</sup>, que se tenta encaixar nas formas de tratamento feitas no Brasil, especialmente, quando é colocado:

“... que preparações como a triaga magna e os cozimentos de figos eram considerados inadequados, pois na América o clima era muito quente havendo também o interessante caso do milho que era utilizado pelos nativos na forma de uma beberagem quente na cura de boubas (doença semelhante á sífilis), segundo a descrição de Gabriel de Sousa seria algo estranho pois o milho teria uma natureza fria e portanto teria que ser usado para de forma fria e não quente<sup>15</sup>”..

### O problema da documentação

Os documentos que fazem parte desse período, como as obras de Barleu (*História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*), Piso (*História Natural e Médica das Índias Ocidentais*) e Margrave

---

<sup>12</sup> Fernando. *A cultura brasileira*. p.153

<sup>13</sup> Martins, “A natureza na visão dos flamengos”. p.68-75.

<sup>14</sup> Alfonso-Goldfarb. *O que é História da Ciência*. p.22-26

<sup>15</sup> Ferraz, “A química médica no Brasil : o papel das novas terras na modificação da farmacopéia clássica colonial”. p.697-8

(*História natural do Brasil*) só para citar os que estão envolvidos na pesquisa, foram publicados no nosso idioma nos anos 1940, e que estiveram por trezentos anos em línguas como latim, alemão e holandês, tendo sido publicados no interesse, segundo o que está no prefácio das obras, reaver informações sobre o passado da nossa história<sup>16</sup>.

Com relação às fontes disponíveis ressalta-se que na historiografia holandesa, segundo

“... o conhecimento estabelecido sobre as relações coloniais entre Brasil e Holanda é pouco significativo devido ao peso maior que se tem atribuído à presença holandesa no extremo oriente, nas Antilhas e no Suriname. Por outro lado os trabalhos que tratam do domínio holandês no Brasil sofrem de uma falta de diversidade de narrativas essencial para que se a história e para a construção de pontos de referência que resultem em novas visões sobre o assunto.”<sup>17</sup>

Com relação às pesquisas empreendidas por José Higyno, Joaquim Caetano e José Gonsalves de Mello, o uso das informações sobre o período holandês tinha sido pouco, não pela falta de interesse de quem o fosse estudar, mas mostraram que, embora houvesse o interesse em se estudar o período holandês, por parte dos pesquisadores brasileiros, a falta de conhecimento da língua holandesa, por parte da maioria, acabava tornando inviável este trabalho, assim como o acesso as fontes, que só poderiam ser levantadas por quem conhecesse o idioma holandês.

---

<sup>16</sup>Ferri, prefácio para *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*

<sup>17</sup>Galindo, “História do Brasil na Holanda”. p.1

Um outro obstáculo ao estudo da presença holandesa no Brasil é que para o governo holandês, os acervos eram de sua propriedade, pois diziam respeito a sua história e por isso as informações neles contidas também eram tratadas da mesma forma, como algo privativo, o que gerava um problema, pois as informações sobre o período holandês se constituíam tanto como acervos da história nacional da Holanda, quanto da nossa história e daí, segundo Marcos Galindo colocou : “havendo necessidade de iniciativas de preservação aliadas a um esforço político que torne viável o acesso a estas informações que possuem dados de interesse para o Brasil, uma vez que estes eventos repercutem, sobre a nossa história, até os dias de hoje.”<sup>18</sup>

Segundo Marcos Galindo, houve tentativas de se recuperar as informações que estavam nos arquivos holandeses, durante o século XIX:

“Já na segunda metade do século XIX se sucederam inúmeras iniciativas particulares e oficiais com o objetivo de inventariar e coletar fontes históricas relativas ao Brasil depositadas nos arquivos europeus Entre 1841 e 1854 Joaquim Caetano da Silva recebeu a incumbência de pesquisar fontes documentais referentes aos limites de fronteira com a Guiana Francesa trabalhando com arquivos franceses e holandeses. Nos Países Baixos Caetano se concentrou no Arquivo Geral de Haia havendo ali apenas o acervo do Cartório dos Estados Gerais das Províncias Unidas, pois, os fundos mais densos estavam na capital da província da Zelândia que só foram incorporados ao Arquivo Real em 1859. Mesmo assim conseguiu trazer grande quantidade de documentos que hoje estão sob guarda do

---

<sup>18</sup>Ibid.



Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro.”<sup>19</sup>

Nas missões realizadas durante o século XIX, dentre as quais a de Ramis, houve a descoberta de grande quantidade de manuscritos pertencentes à antiga Companhia da Índias Ocidentais que se julgavam destruídos em 1821 e que foram reencontrados no Arquivo Geral do Estado, em Haia, que o Barão pesquisou.

Uma outra missão ocorrida entre 1885 e 86, levada a cabo por José Higino Duarte Pereira, historiador é considerada muito importante por ser o mesmo conhecedor do holandês, o que permitiu um trabalho com mais acesso e entendimento das fontes sem os problemas que esta falta de domínio do holandês tinha causado nas missões anteriores, concentrando sua ação nos papéis da Companhia da Índias Ocidentais onde “identificou e reproduziu uma monumental documentação de 11.530 páginas manuscritas em 31 volumes que hoje compõem o fundo José Hygino do IAHGP cobrindo os mais importantes dados sobre a história do período colonial holandês no Brasil”

<sup>20</sup>.

Porém, segundo Marcos Galindo “o vale lembrar que os documentos desta missão não cobrem o universo total da documentação existente nos arquivos visitados, antes disso espelham uma criteriosa seleção dos documentos mais representativos principalmente dos arquivos Gerais de Haia”<sup>21</sup>.

Uma das últimas missões de pesquisa foi a de José Antônio Gonsalves de Mello, feita em duas etapas, uma entre 1957-8 e uma outra em 1962, que são tidas por Marcos Galindo como : “...a última das grandes iniciativas de

---

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Ibid. p. 2

<sup>21</sup> Ibid.

pesquisa documental que reuniu, copiou e trouxe documentos holandeses para o Brasil”<sup>22</sup>, sendo ressaltado pelo próprio autor que apesar de grande, a documentação pesquisada por Antonio Gonsalves de Mello, ainda é pequena, se comparada com o conjunto todo que ainda falta ser pesquisado, acrescentando que : “Além disso os resultados de sua missão, publicados no relatório de 1959 não contemplam catalogação ou guia para fontes microfilmadas, não permitindo ao usuário uma visualização global nem o acesso dirigido às reproduções”<sup>23</sup>.

A publicação Archief Act de 1962 é colocada como um momento de modernização dos arquivos holandeses, pois assim os mesmos puderam ser pesquisados com maior facilidade, uma vez este ato “regulamentou o depósito legal e a transferência de arquivos históricos para repositórios públicos na Holanda”<sup>24</sup> reunindo arquivos que estavam dispersos a centros maiores, onde as informações contidas nas coleções poderiam ser checadas com maior facilidade, além de não ser mais tão custoso mantê-las, já que passaram a estar reunidas em lugares mais específicos<sup>25</sup>.

Se há um avanço brasileiro nas pesquisas sobre a fase holandesa, não se pode dizer os mesmo os estudos sobre desta mesma fase na Holanda, que não usa de forma ampla e profunda os acervos que tem, apesar de contar com uma infra-estrutura universitária e de pesquisa considerável.

Também seria importante, segundo o *Guia de fontes para a história do Brasil holandês*,

---

<sup>22</sup> Ibid. p.2

<sup>23</sup> Ibid .

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> Galindo. *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês*.p.9

“...vasculhar e construir modelos explicativos mais complexos que envolvam as relações ente Brasil e Holanda refletindo numa pesquisa mais ampla e no intercâmbio acadêmico entre estes dois países <sup>26</sup>...”

### Delimitação da pesquisa

Sabe-se que o período no qual os holandeses estiveram no Brasil é pequeno, se comparado a toda a história brasileira, assim como se tem noção de que a parte ocupada pelos holandeses não foi muito grande, mas são exatamente estes fatores que dão ao período a sua importância, pois foi nele que, como já foi dito, se fez obras importantes para o entendimento dessa fase da nossa história<sup>27</sup>.

As formas como Portugal lidava com as informações na época colonial oscilavam entre a permissão dada a estrangeiros em estudar o território, como no caso da obra de Jean de Léry e a proibição de descrições sobre a nossa fauna e flora e riquezas, quando se descobriu o ouro das Minas Gerais, que pudessem atrair a cobiça de outros povos, como na fase que sucedeu à descoberta das minas<sup>28</sup>. O que chega a ser um problema, pois ou os acervos acabavam indo para suas regiões de origem, no primeiro caso ou nem saiam daqui quando eram publicadas, logo ficavam proibidas, com receio de se aumentar a cobiça sobre a colônia por parte de estrangeiros, como no caso da obra de André João Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* cuja a primeira edição acabou sendo recolhida e queimada <sup>29</sup>.

Sabemos, portanto, que houve outras narrativas sobre a natureza no Brasil, anteriores a dos holandeses, apenas colocamos que as narrativas dos

---

<sup>26</sup>Ibid.p. 11

<sup>27</sup> Para maiores informações: Galindo, *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês*; Dante, “A natureza na visão dos flamengos”, p.68-75 e Miceli, “Nassau, uma utopia tropical”, p. 40-43, além das obras de Piso e Margrave.

<sup>28</sup>Ferraz, “Relatos de viagens: a trajetória dos textos sobre o Brasil”, p.121-127

<sup>29</sup>Ferraz, *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772- 1822): o texto conflituoso da química*.).p.24

holandeses encontraram uma dimensão diferente no que toca ao modo de se lidar com os estudos do meio, procurando estudar a fauna e flora da região nordeste, coletando, analisando, verificando suas propriedades, construindo teorias que poderiam ser usadas, por exemplo, na medicina e alimentação<sup>30</sup>.

Com relação a parte educacional durante a colônia e Império e República, sucintamente falando, tem-se que, segundo Antonio Nunes Ribeiro Sanches no século XVIII, na sua *Carta para a educação da Mocidade*, “o governo deveria se ater aos trabalhos simples do campo, pois instrução demais os faria sair do meio rural não havendo quem fizesse os trabalhos braçais e ainda com relação ao Brasil, os da alta classe deveriam se formar em Portugal já que uma instrução na colônia poderia servir para idéias de independência.”<sup>31</sup>

Algo semelhante se dá com as tentativas de institucionalização de escolas de ensino superior que como se vê nas obras de Primitivo Moacir, *A instrução no Império* que mostra a falta de preocupação com escolas de nível superior sem se dar atenção as de primeiras letras<sup>32</sup>.

Sem comentar sobre a tentativa de fundar e se desenvolver uma escolas de mineração em Ouro Preto, que é colocado na obra de José Murilo de Carvalho *A Escola de Minas de Ouro Preto: Peso da Glória*, onde se demonstram as dificuldades de montar uma escola superior no Brasil.<sup>33</sup> Estas obras dão uma amostra das dificuldades para se instituir um ensino voltado para as ciências no Brasil durante a sua história.

Da colônia ao Império, segundo o artigo de 1883, intitulado *The present state of science in Brazil* é colocado que, por um longo período, a ciência no

---

<sup>30</sup>Rodrigues. *Escoço Bibliográfico para .História Natural e Médica da Índia Ocidental.* p. XVIII-XIX

<sup>31</sup>Sanches . *Cartas sobre e educação da mocidade.* p.33-48 e p125-32

<sup>32</sup> Primitivo .*A instrução e o Império* .p.46-51 e p. 89-102

<sup>33</sup> Carvalho .*A Escola de Minas de Ouro Preto.: Peso da Glória.* p. 24-36

Brasil foi caracterizada por uma quase completa ausência de investigação<sup>34</sup> e que parece não mudar muito no século XX, pois, segundo Fernando de Azevedo, “a lentidão do progresso científico e o nosso atraso neste domínio se originaria”, de fatores políticos, econômicos e culturais que criaram uma atmosfera pouco favorável ao desenvolvimento dos conhecimentos<sup>35</sup>.

Na questão dos conhecimentos dos nativos, sabe-se que:

“o Brasil estava mais para receptor do que para transmissor de saberes, pois aqui, ao contrário da América espanhola, não houve uma troca de conhecimentos com os indígenas, pois os mesmos não apresentavam uma tradição de abordagem da natureza que parecesse sugerir soluções para os problemas enfrentados pelos europeus na América e, portanto, rivalizar com o pouco da tradição européia aqui aportada.

Além disso, estes povos, por serem em menor número não puderam resistir muito a dizimação claro que não estamos dizendo que não houve nada de troca de conhecimentos, apenas que isto se deu de forma reduzida atendo-se ao uso de algumas ervas e na preparação de certos alimentos “<sup>36</sup>.

Percebe-se, desta forma que, excluindo-se a o conhecimento sobre a retirada do veneno da mandioca, assim como o uso de ervas para doenças desconhecidas pelos portugueses, não havia muito mais o que trocar em matéria de conhecimentos que pudessem resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos lusitanos, ao contrário do contexto encontrado pelos espanhóis.

---

<sup>34</sup> *The Present State of Science in Brazil*. Science ; p.211-14.

<sup>35</sup> Azevedo, *A cultura brasileira*.p. 132 -133

<sup>36</sup> Ferraz, *As Ciências em Portugal e no Brasil( 1772- 1822): o texto conflituoso da química*.)p.22

Já no tocante aos conhecimentos desenvolvidos pelos jesuítas, pode-se destacar a relevância de seus trabalhos na divulgação dos efeitos medicamentosos dos produtos da flora brasileira. Esses medicamentos passaram a se tornar muito mais importantes para as doenças como a febre amarela, que os europeus conheceram nas novas terras.

Ainda no caso dos jesuítas, também é sabido que possuíam conhecimentos sobre a utilização das ervas para o tratamento das enfermidades, estudando as propriedades das plantas e animais e como estes se prestavam a cura de doenças e na obtenção de remédios a base de ervas encontradas no Brasil, para se tratar as novas doenças e para substituir os medicamentos usados para combater as já conhecidas<sup>37</sup>.

Porém ressalta-se que:

“Os textos dos jesuítas, ricos em detalhes quanto à preparação e prescrição de medicamentos tem pouco esmero nas exposições teóricas pois estavam mais destinados ao uso prático, destacando a relevância de seus trabalhos na divulgação dos efeitos medicamentosos dos produtos da flora brasileira que tornam-se importantes para as doenças como a febre amarela que os europeus conheceram nas novas terras<sup>38</sup>”.

Não se está também com este trabalho procurando enaltecer sobremaneira as narrativas dos holandeses, como se fossem o auge das crônicas sobre a natureza, embora se saiba que estes documentos são uma

---

<sup>31</sup> Márcia H.M. Ferraz, “A química médica no Brasil colonial: o papel : o papel das novas terras na modificação da farmacopéia clássica “. pp. 696-7.

<sup>38</sup> Ferraz.A Química Médica no Brasil Colonial : O Papel das Novas terras na Modificação da Farmacopéia Clássica . p. 693

grande fonte de pesquisa, atualmente, por representarem, uma fonte muito importante<sup>39</sup>.

Toda esta passagem teve em vista esclarecer que havia conhecimentos elaborados sobre a natureza antes dos holandeses chegarem ao nordeste, como mencionado anteriormente, e que não se está negligenciando este fato e nem se colocando qual a colonização foi a melhor. Considera-se que houve diferenças entre o tipo de colonização holandesa e portuguesa assim como entre a portuguesa e a espanhola e que há autores que colocam isto de maneira clara.

#### A importância dos relatos holandeses

Os relatos dos holandeses, sobre a fauna e flora do nordeste, são muito importantes para história natural pois, representam uma fonte de informações sobre a natureza brasileira, até o século XIX, tornando-se assim uma fonte de referência sobre os animais e plantas do Brasil colônia<sup>40</sup>, pois, segundo o *Guia de Fontes para a história do Brasil Holandês*, “houve uma intensa produção de estudos sobre flora e fauna, a medicina, e os naturais da terra bem como as observações astronômicas e um detalhado trabalho cartográfico da região dizem da importância da presença do Conde Maurício de Nassau à frente da comissão de artistas e cientistas”<sup>41</sup>.

No caso dos naturalistas, que chegavam ao Brasil holandês, havia o interesse de estudar terras, ainda praticamente desconhecidas. Como foi o caso do médico e naturalista holandês Guilherme Piso e do naturalista Jorge

---

<sup>39</sup> Martins, “A natureza na visão dos flamengos”. p. 68-74

<sup>40</sup> Oliveira, “Retratos de um mundo desconhecido”, p63-68

<sup>41</sup> Galindo. *Eu Maurício: Os espelhos de Nassau*. p.XV

Margrave <sup>42</sup>, cujos “mapas assim como o de outros cartógrafos auxiliares serviam para dar a dimensão dos pequenos, mas importantes, núcleos urbanos do litoral nordestino e de sua estrutura de defesa militar”<sup>43</sup> e será sobre a obra dos dois (Guilherme Piso e Jorge Margrave), que Barleu se baseou, segundo a nossa hipótese, para elaborar a sua sobre os feitos de Nassau no Brasil.

Segundo o artigo Dante Teixeira Martins “Mesmo nos dias de hoje o material sobre o Brasil holandês continua despertando grande interesse nas mais diferentes áreas do conhecimento”<sup>44</sup>.

### Divisão do trabalho

A introdução da pesquisa terá como objetivo dar ênfase a necessidade de ampliar o estudo sobre o desenvolvimento dos saberes, levados a cabo na fase holandesa em partes do nordeste brasileiro foram levantadas algumas obras, que dessem um exemplo de como o assunto era tratado através de alguns autores com Hélio Viana e Sergio Buarque de Hollanda, o que aliado às narrativas sobre a descoberta das documentações nos arquivos da Holanda, poderia realçar a importância dos relatos holandeses em suas diferenças com as outras narrativas da época, assim como colocar o diferencial que as descrições holandesas assumem.

No decorrer do Primeiro Capítulo serão mencionados o contexto de formação dos Países Baixos, seu papel no comércio e distribuição do açúcar pela Europa, suas relações com a Espanha e desta com Portugal, que terá como consequência as restrições impostas por esta última, aos Países Baixos, quando da declaração de independência destes, implicando nas tentativas de

---

<sup>42</sup> Em comum acordo com a orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Mendes Ferraz optou-se por colocar os nomes de Guilherme Piso e Jorge Margrave como são nomeados na *História Natural e Médica da Índia Ocidental* e na *História Natural do Brasil*, respectivamente.

<sup>43</sup> Oliveira, “retratos de um mundo desconhecido” p. 64

<sup>44</sup> Martins, “A natureza na visão dos flamengos”. p. 74



ocupação do nordeste brasileiro, na qual a figura de Nassau e suas realizações entram em destaque, ressaltando a vinda na sua comitiva dos estudiosos da natureza com Guilherme Piso e Jorge Margrave, assim como os problemas que Maurício de Nassau teve com a Companhia das Índias Ocidentais, sua saída e repercussões para o Brasil.

No Segundo Capítulo será abordada a obra de Gaspar Barleu *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, percorrendo, desde a sua publicação em 1647, encomendada por Maurício de Nassau até os dias de hoje, assim como as de Guilherme Piso *História Natural e Médica da Índia Ocidental* e a de Jorge Margrave<sup>45</sup>, *História Natural do Brasil*, analisando elementos destas duas últimas, que possam comparecer na obra de Gaspar Barleu, assim como suas diferenças, pois é sabido que o próprio, teve acesso à obras de estudiosos que fizeram parte da comitiva de Nassau para elaborar seu livro. Sendo a hipótese desta pesquisa que a narração de Gaspar Barleu sobre os feitos praticados durante a administração de Maurício Nassau, no que estão incluídos os relatos sobre os conhecimentos aqui desenvolvidos, possuem elementos que dialogam com as descrições sobre o conhecimento da natureza efetuado pelos naturalistas holandeses como Guilherme Piso e Jorge Margrave.

Como recorte do trabalho será focalizado o período da presença de Maurício de Nassau no Brasil entre os anos de 1637 e 1645, não sendo objetivo deste trabalho julgar qual dos tipos de colonização (portuguesa ou holandesa) tenha sido a melhor, embora saiba-se que houve diferenças entre

---

<sup>45</sup> Como se sabe, originalmente a obra *História natural do Brasil* publicada, em 1648, em conjunto por Guilherme Piso e Jorge Margrave, este último de forma póstuma por Joannes de Laef, sendo, portanto o livro assinado por dois autores (Guilherme Piso e Jorge Margrave), tendo os quatro primeiros livros de autoria de Guilherme Piso *De Medicina Brasiliense* e os oito restantes de Jorge Margrave *História rerum naturalium Brasiliae* e posteriormente, no século XX, estes livros foram traduzidos em separado, um recebendo o título de *História Natural do Brasil* em 1941, onde foi colocado o nome de Jorge Margrave como autor e o outro, que foi editado, em 1957, intitulado *História natural e Médica da Índia Ocidental*, sendo estes os que foram utilizados nas pesquisas.

estas duas formas de colonização<sup>46</sup> ou muito menos colocar a não existência de conhecimentos desenvolvidos no Brasil, quer pelos índios<sup>47</sup> portugueses<sup>48</sup>, jesuítas<sup>49</sup> e muito menos dizer que nunca tivesse havido outros relatos anteriores ao dos holandeses<sup>50</sup>, mas sim colocar o diferencial que significou a obra de Barleu<sup>51</sup>, compilada através das impressões de Guilherme Piso<sup>52</sup> e de Jorge Margrave<sup>53</sup> que aqui estiveram, na questão do conhecimento desenvolvido neste período no Brasil pelos holandeses.

## **Capítulo 1:**

### **Uma abordagem da presença holandesa no Brasil no século XVII**

#### **1.1 A fase holandesa no Brasil através dos livros**

Sobre o período, no qual a Holanda marcou presença no nordeste brasileiro, pode-se chegar à impressão que nada se fez de relevante em matéria de estudos quando, ao contrário, foram feitos muitos estudos da flora e fauna, além de observações astronômicas. Tais estudos podem ser usados como um importante material para se saber a respeito do Brasil dessa época<sup>54</sup>.

As informações sobre o período no qual os holandeses estiveram no Brasil são diversas, dependendo dos autores que publicaram sobre o assunto, desde os textos tradicionais como os de Héliô Viana e Sérgio Buarque de

---

<sup>46</sup> Ferraz. *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): o texto conflituoso da química*.p.14

<sup>47</sup> Piso. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*. p. 50-55

<sup>48</sup> Holanda. *História Geral da civilização Brasileira*.p.25

<sup>49</sup> Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*.Cap..IV

<sup>50</sup> Ferraz, "Relatos de viagens: a trajetória dos textos sobre o Brasil"p 121-125

<sup>51</sup> Barleu. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*.

<sup>52</sup> Piso. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*.

<sup>53</sup> Margrave. *História Natural do Brasil*.

<sup>54</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*. e Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*.

Hollanda, no século XX, até os mais recentes utilizados pelos estudantes no Ensino Fundamental e Médio. Essas diferenças acompanham o desenvolvimento das pesquisas realizadas nos arquivos holandeses e a transcrição dos documentos para o português, levando ao aumento do interesse por se conhecer os feitos dos holandeses no Brasil.

O tema sobre a presença holandesa no litoral nordestino, da Paraíba até o Rio Grande do Norte, incluindo também Fortaleza e São Luís do Maranhão, no que diz respeito aos conhecimentos desenvolvidos, quase não é tratada por livros como o de Hélio Viana, *História do Brasil*<sup>55</sup>. Também não é muito freqüente em textos publicados até os primeiros anos do século XXI, quando alguns livros trazem menções ao tema, porém sem se aprofundar muito no assunto<sup>56</sup>.

Observam-se semelhanças com relação ao tratamento dado à fase holandesa nos livros de autores mais tradicionais.

No caso de Sérgio Buarque de Hollanda, em seu *Raízes do Brasil*, escrito em 1936, que trata da ocupação holandesa, há a menção dos holandeses como um tipo de colono que não possuía uma plasticidade como a dos portugueses, tendo um espírito metódico e coordenado que dificultou sua inserção na cultura local. Para o autor, o problema foi que esses colonos não eram do tipo aventureiro, pois para ele, a Holanda atravessava uma fase tão boa que os colonos que poderiam servir para haver uma colonização efetiva, simplesmente não vinham.

Sérgio Buarque também diz que no 'Brasil dos holandeses' houve algo que não existia no 'Brasil português': as divisões entre o meio rural e urbano,

---

<sup>55</sup> Viana, *História do Brasil*, 146-171.

<sup>56</sup> Seriacopi & Seracopi, *História*, 222-226

que transformava as cidades em centros independentes, não transpondo, porém, os muros desta opulência, vendo, o autor esta falta de interação e adaptação da cultura nativa como algo negativo para os holandeses<sup>57</sup>.

Na questão dos conhecimentos desenvolvidos, Sérgio Buarque de Hollanda menciona a vinda de sábios, como Guilherme Piso e Jorge Margrave, que utilizaram os materiais encontrados no Brasil para seus estudos e suas obras de arte. Parece que Sérgio Buarque de Hollanda coloca-se ao lado da colonização portuguesa por achá-la mais eficiente do que a holandesa, pois a primeira teria se adaptado melhor no contato com as sociedades nativas e por ser o idioma português mais acessível aos nativos de terras como África e América. Além disso, vê a religião católica como mais identificada com o imaginário das tribos nativas do Brasil. Ele não faz uma história da dominação holandesa, mas faz uma análise sociológica deste tipo de colonização em relação aos portugueses<sup>58</sup>.

Segundo Sérgio Buarque de Hollanda, os trabalhos de Piso e Margrave foram importantes por se dedicarem ao estudo das plantas e à descrição de doenças existentes na região, realizando uma investigação das enfermidades e das plantas que poderiam curá-las<sup>59</sup>.

Já no livro de Hélio Viana, intitulado *História do Brasil*, escrito em 1963, o tratamento dado aos holandeses é diferente do de Sérgio Buarque de Hollanda. Ele considera a presença dos holandeses como invasora, questionando os feitos dos holandeses ou até minorando estes feitos, como, por exemplo, quando menciona a questão do parlamento que os holandeses

---

<sup>57</sup> Holanda, *Raízes do Brasil*, 62

<sup>58</sup> Ibid., 62-66

<sup>59</sup> Hollanda, *História Geral da civilização Brasileira*, 153-4

levaram à cabo em Recife e a parte da tolerância religiosa, dizendo não terem sido características tão marcantes.

Viana aloca a história da ocupação holandesa do seu início, em 1587 e expõe as causas da invasão holandesa, em Pernambuco em 1630. Usa um tom ufanista, com muitos detalhes históricos, personagens e episódios heróicos da resistência, numa história que prima pelo saber enciclopédico, com um vocabulário requintado, fazendo questão de dar nomes e datas exatas dos acontecimentos, caracterizando brasileiros com um tom de heroísmo e um tom depreciativo nos holandeses, pendendo um pouco para o lado dos portugueses em seus relato, sem, no entanto, desmerecer totalmente a administração de Nassau, que, embora não a visse como muito gloriosa, também não deixou de reconhecer os préstimos desta, não depreciando a comitiva de Nassau, criticando, porém os louvores exagerados feitos a ela,<sup>60</sup>.

Na *História do Brasil da colônia a república*, de Francisco Teixeira e José Dantas, escrito em 1971, já é mostrada a fase holandesa como tendo diferenças com as demais ocorridas na primeira metade do século XVII, sendo menos parcial, colocando os acontecimentos de forma menos detalhada, atendo-se mais à explicação de como os acontecimentos foram ocorrendo. Quanto à administração de Nassau, procuram ser imparciais, porém comentam pouco sobre a comitiva de Nassau e nada colocam sobre as transformações nos conhecimentos feitos no Brasil holandês<sup>61</sup>.

Com relação ao livro sobre os *Judeus no Brasil colonial*, escrito em 1960 por Arnold Wiznitzer e traduzido por Olívia Krahenbuhl, há menções ao Brasil holandês e à administração de Nassau. É ressaltada a importância dos judeus

---

<sup>60</sup> Viana, *História do Brasil*, 146-171

<sup>61</sup> Teixeira & Dantas, *História do Brasil da colônia a república*, 89-95

em Amsterdam e os problemas que a Inquisição trazia a eles em Portugal, promovendo sua ida para a Holanda. É, assim, um livro mais favorável a Holanda, colocando a importância dos judeus para o desenvolvimento da Holanda, não tendo uma postura positiva com relação a Portugal e Espanha. O autor considera que a língua holandesa era utilizada pelos escravos africanos, que a aprendiam para se tornarem intérpretes, comentando mais o lado dos holandeses e ponto de vista dos judeus que estavam no Brasil, os quais viram a invasão holandesa como uma libertação.<sup>62</sup>

Já ao tratar da perda da Bahia, pelos holandeses, em 1625, o livro ressalta a questão religiosa e conta sobre a conquista como algo rápido falando bem de Calabar, mencionando as batalhas e elogiando Nassau e suas melhorias. É um pouco diferente no tocante a liberdade religiosa, colocando as tentativas de se tentar converter as pessoas à religião calvinista.

É um livro que aborda a questão dos judeus no Brasil colônia e, portanto, trata de inúmeros aspectos do nordeste brasileiro e sua ocupação. Seu foco, porém é justamente os judeus no Brasil e não menciona os conhecimentos aqui praticados no período<sup>63</sup>.

No livro *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil*, Fernando de Azevedo, escrito em 1950, discorre sobre o estado e a indústria do açúcar, havendo o comentário sobre o avanço da cultura canavieira no nordeste, dando-lhe grande importância no desenvolvimento e defesa da colônia, além de ter sido fonte de impostos para Portugal. Nesta obra os engenhos são mencionados como áreas de resistência aos invasores holandeses, assim como lugares de onde eclodiam ideais de liberdade. Dá uma visão desoladora

---

<sup>62</sup> Wiznitzer, Os Judeus no Brasil Colonial, 49

<sup>63</sup> Ibid., 36-48.

do panorama vivido pelos engenhos logo após a invasão holandesa ao descrever a resistência dos engenhos como formadora da identidade nacional. Aborda, ainda, a reconstrução dos engenhos pelos holandeses, dando importância também à devastação deixada após as guerras de expulsão dos holandeses, não mencionando as atividades desenvolvidas no período pelos estudiosos da natureza vindos na comitiva de Nassau<sup>64</sup>.

No final do século XX, alguns livros didáticos começaram a colocar mais referências aos conhecimentos que tiveram lugar na fase holandesa do Brasil<sup>65</sup>. Percebe-se, porém, que mesmo nestas publicações, o tema ainda não é trabalhado com a importância que deveria ter.

#### 1.2. O problema da documentação

Os documentos que fazem parte desse período, como as obras de Barleu (*História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*), Piso (*História Natural e Médica das Índias Ocidentais*) e Margrave (*História natural do Brasil*) só para citar os que estão envolvidos na pesquisa, foram publicados no nosso idioma nos anos 1940. Estiveram por trezentos anos em línguas como latim, alemão e holandês, tendo sido publicados pelo interesse, segundo o que está no prefácio das obras, de reaver informações sobre o passado da nossa história<sup>66</sup>.

Com relação às fontes disponíveis ressalta-se que na historiografia holandesa:

“... o conhecimento estabelecido sobre as relações coloniais entre Brasil e Holanda é pouco significativo

---

<sup>64</sup> Azevedo, *Canaviais e Engenhos na vida política do Brasil*, 147-51

<sup>65</sup> Divalte, *História*, 165-7 e Seriacopi & Seriacopi, *História*, 222-6

<sup>66</sup> Ferri, prefácio para *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*.

devido ao peso maior que se tem atribuído à presença holandesa no extremo oriente, nas Antilhas e no Suriname. Por outro lado os trabalhos que tratam do domínio holandês no Brasil sofrem de uma falta de diversidade de narrativas essencial para que se a história e para a construção de pontos de referência que resultem em novas visões sobre o assunto.”<sup>67</sup>

Com relação às pesquisas empreendidas por José Higyno, Joaquim Caetano e José Gonsalves de Mello, o uso das informações sobre o período holandês tinha sido pequeno, não por falta de interesse de quem o fosse estudar. Pois, ainda que se verificasse, entre os pesquisadores brasileiros o interesse em se estudar o período holandês, a falta de conhecimento da língua holandesa, por parte da maioria, acabava tornando inviável este trabalho, por impossibilitar o acesso às fontes, que só poderiam ser levantadas por quem conhecesse o idioma holandês.

Um outro obstáculo ao estudo da presença holandesa no Brasil é que para o governo holandês, os acervos eram de sua propriedade, pois diziam respeito a sua história e por isso as informações neles contidas também eram tratadas da mesma forma, como algo privativo. Isso gerava um problema, pois as informações sobre o período holandês se constituíam tanto como acervos da história nacional da Holanda, quanto da nossa história. Assim, foram necessárias: “iniciativas de preservação aliadas a um esforço político que torne viável o acesso a estas informações que possuem dados de interesse para o Brasil, uma vez que estes eventos repercutem, sobre a nossa história, até os dias de hoje.”<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> Galindo, “História do Brasil na Holanda”, 1

<sup>68</sup> Ibid.



Não faltaram houve tentativas, durante o século XIX, de se recuperar as informações que estavam nos arquivos holandeses:

“Já na segunda metade do século XIX se sucederam inúmeras iniciativas particulares e oficiais com o objetivo de inventariar e coletar fontes históricas relativas ao Brasil depositadas nos arquivos europeus. Entre 1841 e 1854 Joaquim Caetano da Silva recebeu a incumbência de pesquisar fontes documentais referentes aos limites de fronteira com a Guiana Francesa trabalhando com arquivos franceses e holandeses. Nos Países Baixos Caetano se concentrou no Arquivo Geral de Haia havendo ali apenas o acervo do Cartório dos Estados Gerais das Províncias Unidas, pois, os fundos mais densos estavam na capital da província da Zelândia que só foram incorporados ao Arquivo Real em 1859. Mesmo assim conseguiu trazer grande quantidade de documentos que hoje estão sob guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro.”<sup>69</sup>

Nas missões realizadas durante o século XIX, dentre as quais a de Ramis, houve a descoberta de grande quantidade de manuscritos pertencentes à antiga Companhia da Índias Ocidentais que se julgavam destruídos em 1821 e que foram reencontrados no Arquivo Geral do Estado, em Haia.

Uma outra missão ocorrida entre 1885 e 86, levada a cabo pelo historiador José Higino Duarte Pereira, é considerada muito importante por ser o mesmo conhecedor do holandês, permitindo um trabalho de melhor acesso e entendimento das fontes. Sem os problemas que a falta de domínio do holandês tinha causado nas missões anteriores, pôde concentrar sua ação nos papéis da Companhia da Índias Ocidentais onde:

---

<sup>69</sup> Ibid.

“identificou e reproduziu uma monumental documentação de 11.530 páginas manuscritas em 31 volumes que hoje compõem o fundo José Hygino do IAHGP cobrindo os mais importantes dados sobre a história do período colonial holandês no Brasil”<sup>70</sup>.

Porém, segundo Marcos Galindo:

“o vale lembrar que os documentos desta missão não cobrem o universo total da documentação existente nos arquivos visitados, antes disso espelham uma criteriosa seleção dos documentos mais representativos principalmente dos arquivos Gerais de Haia”<sup>71</sup>.

José Antônio Gonsalves de Mello participou de uma das últimas missões de pesquisa, feita em duas etapas, uma entre 1957-8 e uma outra em 1962. Elas representariam: “...a última das grandes iniciativas de pesquisa documental que reuniu, copiou e trouxe documentos holandeses para o Brasil”<sup>72</sup>. Pois apesar de grande, a documentação pesquisada por Antonio Gonsalves de Mello, ainda é pequena, se comparada com o conjunto todo que ainda falta ser pesquisado, além de que:

“os resultados de sua missão, publicados no relatório de 1959 não contemplam catalogação ou guia para fontes microfilmadas, não permitindo ao usuário uma visualização global nem o acesso dirigido às reproduções”<sup>73</sup>.

A publicação Archief Act, da Holanda, em 1962, é vista como um momento de modernização de seus arquivos, pois assim os mesmos puderam ser pesquisados com maior facilidade. Este ato “regulamentou o depósito legal

---

<sup>70</sup> Ibid., 2

<sup>71</sup> Ibid.

<sup>72</sup> Ibid.

<sup>73</sup> Ibid.

e a transferência de arquivos históricos para repositórios públicos na Holanda”<sup>74</sup> reunindo arquivos, que estavam dispersos, em centros maiores, onde as informações contidas nas coleções poderiam ser cheçadas com maior facilidade, além de não ser mais tão custoso mantê-las, já que passaram a estar reunidas em lugares mais específicos<sup>75</sup>.

Se há um avanço brasileiro nas pesquisas sobre a fase holandesa, não se pode dizer o mesmo sobre os estudos sobre esta mesma fase na Holanda, que não usa de forma ampla e profunda os acervos que tem, apesar de contar com uma infra-estrutura universitária e de pesquisa considerável.

Também seria importante: “...*vasculhar* e construir modelos explicativos mais complexos que envolvam as relações entre Brasil e Holanda refletindo numa pesquisa mais ampla e no intercâmbio acadêmico entre estes dois países”<sup>76</sup>.

### 1.3. Histórico dos Países Baixos, atual Holanda

A história de formação dos Países Baixos, que na época incluía a atual Bélgica e Luxemburgo, começa a se desenhar no final do século XV, quando estas regiões vieram a fazer parte dos domínios dos Habsburgos, devido aos casamentos entre as dinastias da Europa. Mais tarde, no século XVI, Carlos, herdeiro do trono espanhol e parente dos Habsburgos, tornou-se rei da Espanha, herdando assim domínios onde se encontravam as regiões dos Países baixos. Em 1549, já como imperador do Sacro Império Romano

---

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> Galindo, *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês*, 9

<sup>76</sup> Ibid., 11

Germânico, decretou que a região fosse incorporada aos domínios espanhóis<sup>77</sup>.

Durante a segunda metade do século XVI, as relações entre os Países Baixos e os lusitanos ainda eram boas para ambos os lados. Havia um comércio entre esses dois povos no porto de Lisboa. Os flamengos (habitantes dos Países Baixos) se abasteciam de Pau-brasil e açúcar, dentre outras mercadorias que eram distribuídas para o restante da Europa<sup>78</sup>.

O contexto que levaria à ocupação do nordeste brasileiro vai ganhando forma no final do século XVI, quando Felipe II, que era católico, iniciou a perseguição aos protestantes no norte dos Países Baixos, devido ao avanço do calvinismo na região:

“passando a estabelecer um controle comercial sobre a burguesia, levando as províncias do norte dos Países a se rebelarem sob o comando de Guilherme de Orange, em 1568, contra Felipe II num conflito conhecido como guerra dos 80 anos, enquanto as províncias ao sul, em 1579, reuniram-se em torno da União de Arras que as colocava sob a tutela de Felipe II e que estabelecia formas de defesa do catolicismo”<sup>79</sup>.

Aliada à perseguição aos protestantes que motivou a independência dos Países Baixos, a União Ibérica (quando Portugal uniu-se à Espanha em 1580, por razões dinásticas de direito ao trono português que envolvia as casas reais de Portugal e Espanha, juntamente com suas colônias) não se configurou num obstáculo logo de início, pois:

---

<sup>77</sup>Galindo, "Eu Maurício, os espelhos de Nassau", 45

<sup>78</sup>Viana, *História do Brasil*, 146

<sup>79</sup>Galindo, *Eu, Maurício, os espelhos de Nassau*, 45

”Diferentemente do que se imagina, a União Ibérica de 1580 não teria ameaçado as posições dos Países Baixos e da burguesia mercantil no comércio entre estes e Portugal e deste para toda a Europa, que estava em amplo crescimento, do qual os flamengos eram os principais fornecedores”<sup>80</sup>.

De fato, cinco anos após a União Ibérica, o comércio holandês crescia e Amsterdam já possuía sua primeira usina de refinamento, tornando a região dos Países Baixos uma grande fornecedora de açúcar para a Europa. Porém, movimento de independência crescendo (a independência de fato seria reconhecida em 1648), juntamente com as perseguições religiosas, fizeram as províncias protestantes firmarem a União de Utrecht que “garantia a tolerância religiosa e direito à cidadania a todos os habitantes das províncias rebeladas do norte dos Países Baixos”<sup>81</sup>.

Nas palavras de Pedro Puntoni:

“As sete províncias coligadas em Utrecht (Holanda, Zelândia, Utrecht, Frísia Over Ijssel e Groningen), formaram uma federação, em forma de república, em 1585, o que chamamos normalmente de Holanda”<sup>82</sup>.

Como pode ser visto, a separação dos Países Baixos do jugo da Espanha, acabou motivando a represália espanhola em 1591, com a proibição dessas províncias de fazer comércio com Portugal e conseqüentemente com o Brasil. Isso acabou provocando uma reação dos flamengos: seria melhor eles próprios irem ao oriente e ocidente para trazerem de lá suas especiarias.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> Puntoni, “Comércio com os dois lados do mundo”, 14-5

<sup>81</sup> Galindo, *Eu Maurício: Os espelhos de Nassau*, 45

<sup>82</sup> Puntoni, “A luta pela independência dos Países baixos”, 13

<sup>83</sup> Puntoni, “Comércio com os dois lados do mundo”, 14-15

A solução para o problema da restrição comercial imposta pela Espanha configurou-se na criação da Companhia de Comércio das Índias Orientais, destinada à exploração das Ilhas do Caribe, Suriname e Indonésia. Seu sucesso acabou por estimular os mercadores e banqueiros neerlandeses a criarem a Companhia das Índias Ocidentais com direito ao comércio navegação e conquista do Atlântico.

O aumento do comércio nos Países Baixos levou à instalação de um centro mercantil muito importante na região, que aliado ao clima de liberdade religiosa estimulou a chegada de imigrantes calvinistas a Amsterdam. Esta, por sua vez, apresentou um rápido desenvolvimento comercial e intelectual, sendo tal época conhecida como Século de Ouro, pois tanto o comércio, quanto a navegação, os conhecimentos e as letras ganharam grande expressão<sup>84</sup>.

As Províncias Unidas dos Países Baixos alcançaram formalmente a sua independência em 1648, por meio do tratado de Paz de Münster. Responsável por marcar o nascimento dos Países Baixos, com uma forma de governo que contava com a maioria de representantes da burguesia, conservando a forma de governo feudal sob o comando dos herdeiros de Guilherme de Orange<sup>85</sup>.

#### 1.4 As tentativas de ocupação do Brasil

Como já foi salientado, as causas do interesse dos Países Baixos pelo Brasil se deram devido às políticas restritivas da Espanha após a independência dos mesmos. Os quais, devido à riqueza e prosperidade trazidas pelo Século de Ouro, começaram a demonstrar interesse em buscar a

---

<sup>84</sup> Galindo, *Eu Maurício, os espelhos de Nassau*, 45

<sup>85</sup> Ibid., 46

sua principal riqueza comercial, o açúcar, diretamente onde era produzido, ou seja, no Brasil.

Na primeira metade do século XVII, a busca pelas riquezas originárias do comércio do açúcar levou os Países Baixos a procurarem:

“uma nova base de operações da sua armada no Novo Mundo voltam suas vistas para o Brasil, visando estabelecer-se sobretudo em Salvador, no Rio de Janeiro ou em Olinda. Salvador foi inicialmente escolhida como base de ataque às frotas da Espanha e Portugal e etapa da rota para as Índias Orientais”<sup>86</sup>.

No ano de 1623, a Comunidade das Índias Ocidentais havia organizado e financiado uma frota na tentativa de ocupar a cidade de Salvador, que era a capital da Bahia, e que na época era o centro administrativo da colônia portuguesa.

Já no ano seguinte, a expedição de 1624 fracassou. Como resultado, os comandantes da frota retornaram à pirataria, com a qual conseguiram apresar “no mar das Caraíbas a rica frota de prata do reino da Espanha obtendo recursos suficientes para a tomada de Pernambuco em 1630”<sup>87</sup>.

Dois motivos levaram os holandeses a escolherem a capitania de Pernambuco, na segunda tentativa de ocupação. O primeiro deles foi a de ser uma capitania pouco guarnecida pelos portugueses e o segundo, foi a primazia da região de Pernambuco na extração de açúcar, cuja “produção anual era estimada em cerca de 10 mil e quinhentas toneladas”<sup>88</sup>. Essa região já era conhecida pelos povos dos Países Baixos, pois:

---

<sup>86</sup> Galindo, *Guia de informações para a História do Brasil Holandês*, XI

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Puntoni, “1630: Conquista Definitiva”, 28-35.

“Há muitos anos os dados sobre esta produção vinham sendo reunidos pelos mesmos, a respeito da configuração da costa, regime de ventos, desembocaduras por navios holandeses que visitavam os portos pernambucanos”<sup>89</sup>.

Com o apoio da Inglaterra e da França, os Estados Gerais (Reunião dos representantes das províncias que formavam os Países Baixos) prepararam a ocupação de Pernambuco, que depois de consolidada entraria na fase de administração do que foi conquistado e posteriormente receberia Nassau para governar essa nova posse holandesa.<sup>90</sup>

A conquista de Olinda e Recife foi consumada em poucos dias. A força do atacante era muito grande e militarmente superior. Os habitantes preferiram se retirar, deixando a parte do litoral ocupada nas mãos dos holandeses, que a partir daquele momento, tornaram-se da região e

“escolheram a povoação de Recife como sede dos seus domínios no Brasil por terem nesta praça a segurança que não dispunham em Olinda que era aberta por muitas partes e incapaz de defesa, na observação de Diogo Lopes Santiago”<sup>91</sup>.

### 1.5 As realizações de Nassau no Brasil

O conde Maurício de Nassau – Siegen – nasceu em Dillenburg, no que hoje seria a Alemanha, em 16/08/1604. Inicia sua ascensão militar em 1621, ao ingressar no exército das Sete Províncias dos Países Baixos. Decisão que, dezesseis anos mais tarde, abriria caminho para sua indicação, através do

---

<sup>89</sup> Mello, *Tempo dos flamengos*, 40.

<sup>90</sup> Galindo, *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês*, XII

<sup>91</sup> Ibid.



Conselho dos Dezenove (Conselho de Administração da Companhia das Índias Ocidentais), para administrar o empreendimento holandês no Brasil.

Maurício de Nassau viveu os Países Baixos quando estes estavam em sua fase áurea, num mundo em transformação entre o meio feudal e o renascimento. Os conflitos entre a Holanda e a Espanha, aliado ao aumento da mentalidade protestante, acabaram por moldar seu caráter, o que resultou em algumas implicações na execução de seus feitos na administração da empresa holandesa no nordeste do Brasil<sup>92</sup>.

Nassau veio para Pernambuco em 1637, encarregado da administração holandesa no Brasil.

Logo que chegou ao Brasil, Maurício de Nassau começou a realizar suas obras procurando “assentar as bases de organização de uma nova sociedade livre, formada por elementos diferentes, mas gozando todos de idênticas imunidades”<sup>93</sup>.

Nessa fase houve uma reorganização dos hospitais, atendimento aos órfãos, colocação a leilão dos engenhos abandonados por seus senhores; tendo, portanto duas vantagens: dessa maneira ficariam os mesmos restaurados e também, por outro lado, conseguiria assegurar, para a sua administração, o dinheiro conseguido nos leilões<sup>94</sup>.

Da mesma forma, puseram-se em marcha, projetos arquitetônicos como a construção de seus palácios, onde incluiu seções de museu, biblioteca, salões de música e de estudos, reunindo neles: “os artistas e naturalistas sob seu mecenato”<sup>95</sup>.

---

<sup>92</sup> Galindo, *Eu, Maurício os espelhos de Nassau*, 28

<sup>93</sup> Miceli, “Nassau, uma utopia tropical”.p. 42

<sup>94</sup> Ibid.

<sup>95</sup> Ibid.

Com a recuperação dos engenhos em andamento, Maurício de Nassau procurou “conseguir mão-de-obra necessária, e ocupou o forte de São Jorge da Mina, no golfo da Guiné, em 1637, então um importante empório (mercado) de escravos” <sup>96</sup>.

Em sua administração um surto de progresso tomou conta da parte holandesa no Brasil, cujas fronteiras foram estabelecidas do Maranhão à foz do rio São Francisco.

O Recife veio a passar por inúmeros melhoramentos, transformando-o, o que era, segundo Gonsalves de Mello:

[...] “um simples burgo nos primeiros anos do século XVII. Burgo triste e abandonado que os nobres de Olinda deviam atravessar pisando na ponta do pé, receando os alagados e os mangues; burgo de marinheiros e de gente ligada ao serviço do porto; burgo triste e sem vida” <sup>97</sup>.

Maurício de Nassau projetou para Recife um plano urbanístico definido, em que as ruas foram alinhadas de forma regular:

“havendo recolhimento do lixo, organizando um serviço de limpeza pública onde o lixo deveria ser despejado do lado oeste do bairro, Recife fora das paliçadas, com o fim de também aterrar os mangues ali existentes e daí ganhar terreno. Instruindo os moradores na obrigatoriedade de varrer a calçada na frente das suas casas e “a não despejar o lixo, senão nas praias” <sup>98</sup>.

As modificações de Maurício de Nassau se expressaram também na pavimentação das ruas, introdução do uso de tijolo nas edificações das casas

---

<sup>96</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oitos anos no Brasil*, 211-4

<sup>97</sup> Mello, *Tempo dos flamengos*, 89.

<sup>98</sup> *Ibid.*, 112

que até então eram de taipa, além dos projetos das pontes, palácios (Boa Vista e Vrijburg) e diques<sup>99</sup>.

Segundo F. Varnhagen:

“Nassau se dedicou a conciliar a severidade com a prudência conseguindo que todos os magistrados cumprissem com seus deveres, premiando os bons e demitindo os ruins, procurando também assentar as bases de organização de uma sociedade livre, segundo os preceitos da época”<sup>100</sup>.

Com relação à organização administrativa:

“logo que chegou a Recife, Nassau criou câmaras de escabinos e uma autoridade: o escolteto, uma espécie de burgomestre. Os escabinos tinham funções semelhantes às dos membros das câmaras da colônia portuguesa. A primeira câmara de escabinos do nordeste foi a de Olinda”<sup>101</sup>.

Organizou também o serviço do porto de Recife que ficou sujeito a certo regulamento. Segundo este era proibido despejar o lastro no porto e que qualquer sujeira deveria ser levada em botes a terra. Isso para não diminuir ou prejudicar a condição do ancoradouro<sup>102</sup>.

Também na parte dos conhecimentos, Nassau deixou grande contribuição com a vinda de sábios, como o médico Guilherme Piso que trouxe junto com ele o botânico e astrônomo Jorge Margrave<sup>103</sup>.

Havia também o retratista Albert Eckhout que contribuiu com as imagens das pessoas e lugares, além do pintor Frans Post que retratou o nordeste da

---

<sup>99</sup> Ibid., 112-3

<sup>100</sup> Varnhagen, *História Geral do Brasil*, 265-6

<sup>101</sup> Mello, *Tempo dos flamengos*, 68

<sup>102</sup> Ibid., 113

<sup>103</sup> Varnhagen, *História Geral do Brasil*, 289

época colonial quando em posse dos holandeses: as rusticidades das habitações rurais; a forte presença do catolicismo; as trocas culturais que se iniciavam entre indígenas e africanos; a rotina de trabalho nos engenhos e, ainda a fauna e flora tropicais e tudo que seria modo de vida no século XVII<sup>104</sup>.

Pode-se, por isso, dizer que; “os estudos levados a cabo pelos naturalistas da comitiva de Nassau se constituem numa rica fonte de informações a respeito dos aspectos do mundo natural, habitantes e costumes da época colonial”<sup>105</sup>.

O período holandês foi de altos e baixos: fases de prosperidade sucediam-se a de escassez, não se alcançando um equilíbrio, apesar dos esforços de Nassau e do Alto Conselho, para que a região ocupada pudesse atender às suas próprias necessidades, sendo preciso importar parte dos alimentos dos Países Baixos, desde o começo da ocupação<sup>106</sup>.

O próprio Maurício de Nassau havia alertado aos seus superiores nos Países Baixos sobre a situação da região ocupada, relatando a pobreza na qual viviam os portugueses, devido à cobiça dos cobradores de dívidas e aos altos encargos aos quais essas pessoas eram submetidas<sup>107</sup>.

Para Nassau seria interessante que a Companhia das Índias Ocidentais desse uma folga aos senhores de engenho para que os mesmos pudessem se recuperar das guerras e outras calamidades<sup>108</sup>.

Um ponto importante que trazia dificuldades para os holandeses era, nas palavras de Sérgio Buarque de Hollanda, segundo visto anteriormente: “a

---

<sup>104</sup>Oliveira, “Retratos de um mundo desconhecido”, 65

<sup>105</sup>Martins, “A natureza na visão dos flamengos”, 74.

<sup>106</sup>Mello, *Tempo dos flamengos*, 163-6

<sup>107</sup>Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oitos anos no Brasil*, 335-40

<sup>108</sup>Ibid.

ausência de descontentamentos na pátria mãe que impelissent as pessoas a sair de lá.” As diferenças religiosas e culturais também foram obstáculos à permanência dos holandeses no Brasil<sup>109</sup>.

Portanto, em 1644, segundo Gonsalves de Mello, os problemas com a produção de açúcar e a concorrência com os produtos enviados pelas Companhias de Comércio das Índias Orientais, além das diferentes visões entre Nassau (buscava lucros a longo prazo) e a Companhia de Comércio (pretendia lucros a curto prazo) fizeram a empreitada da ocupação holandesa no Brasil algo infrutífero. O que levou a saída de Nassau da administração holandesa e posterior aumento das manifestações dos pernambucanos para a expulsão dos holandeses, efetivada em 1654, com a assinatura do tratado de Campina da Taborda<sup>110</sup>. Este foi seguido do Tratado de Paz de Haia entre os Países Baixos e Portugal em 1661<sup>111</sup>.

Com a saída dos holandeses, o conhecimento da produção de açúcar foi levado para as ilhas do Caribe, que se tornaram concorrentes do nordeste, tendo como resultado a decadência e estagnação da cultura canavieira<sup>112</sup>. Além disso, Portugal e Brasil tiveram que pagar uma indenização de quatro milhões de cruzados aos holandeses<sup>113</sup>. Mas, segundo alguns historiadores, isso não teria sido em vão, pois, deixaram nos brasileiros um espírito de apego à sua região, onde haviam nascido, dando impulso aos movimentos nativistas para acabar com os abusos, desta vez, de Portugal em relação ao Brasil<sup>114</sup>.

---

<sup>109</sup> Holanda, *Raízes do Brasil*, 62-5

<sup>110</sup> Mello, *Tempo dos Flamengos*, 160-181

<sup>111</sup> Viana, *História do Brasil*, 170

<sup>112</sup> Martins, “A natureza na visão dos flamengos”, 95

<sup>113</sup> Puntoni, “Guerra em nome da liberdade divina”, 91

<sup>114</sup> Viana, *História do Brasil*, 171

## Capítulo 2:

### Sobre Barleu e a elaboração de sua obra: *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*

#### 2.1 Gaspar Barleu

Caspar (Kaspar) van Baarle, em latim Caspar Barlaeus e em português Gaspar Barleu (1584-1648), nasceu na região que hoje é conhecida como Bélgica, na cidade de Antuérpia, de onde teve que mudar-se com seus pais, em 1594, por causa das perseguições religiosas movidas por Felipe II, indo então para a região que hoje é a Holanda, na época Países Baixos, uma república que atraía várias pessoas que buscavam a tolerância religiosa<sup>115</sup> dessa nação<sup>116</sup>.

Após seus primeiros estudos em Zaltbommel, deslocou-se para outros centros, onde estudou Teologia, Medicina e Lógica. Mais tarde, tornou-se Professor de Lógica da Universidade de Leiden, residiu em Caen, na França, onde se formou em Medicina. Em 1631, tornou-se Professor de Filosofia e Retórica do Ateneu de Amsterdam.

Escreveu também a eulogia (elogio as virtudes) que acompanha o retrato do cartógrafo Willem Blaeu, datado de 1622. Interessou-se por vários aspectos da cartografia e da história, compondo, em 1627, o texto para o atlas do que seria hoje a Itália, organizado por Jodocus Hondius.

Em Janeiro de 1632, Barleu proferiu, juntamente com Gerard Vossius, sua preleção inaugural intitulada *Mercator sapiens, sive Oratio de coniungendis mercaturae et philosophiae studiis* (O mercador sábio, ou o discurso sobre a união do comércio & da filosofia); publicando também vários volumes de poesia, especialmente em Latim.

Em 1638, Barleu escreveu *Medicea Hospes, sive descriptio publicae gratulationis, qua ... Mariam de Medicis, exceptit senatus populusque Amstelodamensis*. Publicado por Willem Blaeu, inclui duas grandes imagens das cerimônias realizadas por ocasião da entrada triunfal

---

<sup>115</sup>.Mello, *No Tempo dos Flamengos*, 237-275

<sup>116</sup>Hobsbaum, *Nações e nacionalismos desde 1780 – Programa Mito e realidade*, 14-53

da rainha-mãe, Maria de Médici, da França, em Amsterdam, no ano de 1638. Considerado um momento importante da história dos Países Baixos, a visita de Maria representou o reconhecimento internacional "de facto" à recém constituída República Holandesa.

Barleu escreveu o relato do Império colonial holandês no Brasil, em 1647, por encomenda do próprio Nassau<sup>117</sup>. Intitulada *Rerum in Brasilia et alibi gestarum*, foi publicada, primeiramente, em Amsterdã. Ainda no mesmo ano, em latim, por João Blaeu, na qual estão os mapas e as plantas dos sítios e fortificações, sendo o conjunto de mapas de autoria de George Margrave<sup>118</sup>. A tradução em português acabou por tornar-se um documento importante sobre os costumes e obras empreendidas durante o período holandês no Brasil, servindo assim de substrato para se ter uma aproximação do período estudado.

É sobre esta obra: *Feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil* de Barleu que este trabalho será baseado, tendo como assunto o estudo da narração do mesmo a respeito dos estudos feitos na época holandesa no Brasil, pelos naturalistas que acompanhavam Maurício de Nassau, durante a fase comumente chamada de Brasil Holandês, entre os anos de 1637 e 1644. Focarei, mais precisamente, os estudos de Jorge Margrave e Guilherme Piso que, atualmente, constituem-se como importante referência sobre a fauna e flora do Brasil colônia da parte ocupada pelos holandeses.

Segundo o *Guia de informações sobre o Brasil holandês*, essa obra de Barleu é tida como um dos livros, esteticamente falando, mais bem elaborados e produzidos sobre o Brasil colônia, contendo grande número de mapas e ilustrações da região, retratando o que foi feito no Brasil, assim como em outros lugares, como no Chile e na África.

Sabe-se, através do exposto no *Guia de informações para a história do Brasil holandês*, que:

“Um dos exemplares das cópias foi presenteado a D.João IV, pelo embaixador de Portugal, Francisco de Souza Coutinho, na Holanda, na época do seu lançamento em 1647. O exemplar pertencente à Biblioteca Real veio para o Brasil em 1808, com a transferência da

---

<sup>117</sup> Viana, *História do Brasil*,.146-171

<sup>118</sup> Galindo, *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês*, XVIII.

Família Real Portuguesa e que hoje integra o acervo da Biblioteca Nacional<sup>119</sup>.

Os exemplares da primeira edição foram, em sua maioria, destruídos. Salvando-se poucos, tornaram-se assim, muito raros.

A primeira edição de *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil* foi traduzida para o alemão, em 1659, por Tobias Silberling. A segunda edição surgiu em Clèves, em 1660, com acréscimos feitos por Piso, também em latim. Nos anos 20 do século passado, mais precisamente em 1923, a obra foi traduzida para o holandês por l'Honoré Naber<sup>120</sup>.

Em 1940, foi traduzida pelo professor Cláudio Brandão, humanista brasileiro, e editada em português por Gustavo Capanema, ministro da educação, para servir de comemoração aos 300 anos da ocupação holandesa no Brasil. Isso veio a acrescentar informações sobre uma fase da nossa história, da qual tínhamos poucas informações.

Nos anos 70, o livro é relançado pela editora Itatiaia, porém, sem as ilustrações do primeiro exemplar de 1940. Essa edição será citada na presente pesquisa.

Gaspar Barleu faleceu em Amsterdam, em 14/01/1648, tendo o seu nome dado ao Barlaeus Gymnasium, em Amsterdam, em sua homenagem; além de ter uma Van Baerlestraat (Rua Van Baerle) tanto em Amsterdam como em Nieuwe-Tonge.

Como pôde ser visto, a obra de Barleu percorreu um grande caminho até chegar a ser traduzida para o português, e se por um lado ele nunca esteve no Brasil, por outro, isso não diminui a importância da sua obra, pois narrou as impressões ditas pelas pessoas que fizeram parte da comitiva de Nassau e as do próprio Maurício de Nassau.

Como é sabido, Maurício de Nassau teve que deixar o governo do Brasil holandês devido aos problemas que enfrentou na sua administração, tendo por essa razão o interesse em encomendar uma obra que o enaltecesse.

O mérito da obra de Gaspar Barleu reside em descrever uma época da nossa história colonial sobre a qual não se tem muita informação no que diz respeito aos conhecimentos realizados, assim como, sobre os hábitos e saberes das pessoas que aqui viviam.

---

<sup>119</sup> Ibid., XIX  
<sup>120</sup> Ibid.



Analisando a obra, é possível encontrar características de um renascimento, que segundo Maria Luiza Montes: [...] “ainda se achava dividido entre um futuro que já se afirmava e um passado que ainda não havia acabado de evidenciar suas possibilidades”<sup>121</sup>, advindo disso as constantes menções aos clássicos Greco-romanos e à medicina humoral<sup>122</sup>.

É interessante verificar que, nas obras de Barleu *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, assim como na de Piso *História natural e Médica da Índia Ocidental* e na de Margrave *História natural do Brasil* há uma influência da medicina de Galeno ou humoral<sup>123</sup>, que se tenta encaixar nas formas de tratamento feitas no Brasil, especialmente, quando é alocado:

“... que preparações como a triaga magna e os cozimentos de figos eram considerados inadequados, pois na América o clima era muito quente havendo também o interessante caso do milho que era utilizado pelos nativos na forma de uma bebida quente na cura de boubas (doença semelhante à sífilis), segundo a descrição de Gabriel de Sousa seria algo estranho pois o milho teria uma natureza fria e portanto teria que ser usado para de forma fria e não quente”<sup>124</sup>.

Há partes do livro de Barleu que mencionam as regiões do Chile e África. Como o foco deste trabalho é sobre os saberes praticados no Brasil, tais regiões não entraram nesta pesquisa<sup>125</sup>.

## 2.2 As obras de Guilherme Piso e Jorge Margrave

É bem conhecido o fato, já mencionado anteriormente nesta pesquisa, que Guilherme Piso e Jorge Margrave tiveram uma obra conjunta intitulada *Historia Naturalis Brasiliae*, publicada em 1648, quatro anos após a morte de Jorge Margrave. Alguns outros detalhes, entretanto, são importantes para se entender bem a trajetória dessa obra.

---

<sup>121</sup> Galindo, *Eu Maurício: Os espelhos de Nassau*, 28

<sup>122</sup> Alfonso-Goldfarb. *O que é História da Ciência*, 22-26

<sup>123</sup> Ibid.

<sup>124</sup> Ferraz, “A química médica no Brasil : o papel das novas terras na modificação da farmacopéia clássica colonial”, 697-8

<sup>125</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, .55-65 e 269-304

A primeira edição foi dividida em duas partes. A primeira parte foi denominada *De Medicina Brasiliensi* e elaborada por Guilherme Piso, com quatro 'livros' (ou partes) centralizados sobre o ar, águas e os lugares; as doenças endêmicas; os venenos e seus antídotos e as propriedades dos símplices.

A segunda parte recebeu o título de *Historia rerum naturalium Brasiliae* e foi baseada nos estudos de Margrave. Está composta por oito 'livros' e abordam temas referentes à botânica; aos peixes; aos pássaros; aos quadrúpedes e serpentes; aos insetos e trazendo por último, uma parte escrita sobre o nordeste brasileiro e seus habitantes.

A preparação dos textos de Margrave para a publicação foi realizada por Joannes de Laet, encarregado da publicação, que recebera os originais do amigo contendo justamente as informações sobre o litoral do nordeste do Brasil, sobretudo Pernambuco, com importantes observações feitas sobre a fauna, flora e fenômenos astronômicos dos céus pernambucanos.

Em 1658, Guilherme Piso fez uma revisão da obra publicada, a qual recebeu o título de *De Indiae Utriusque re naturali et medica*, contendo seis livros com o subtítulo de *Historiae naturalis et medicae Indiae Occidentalis*, juntamente com descrições de Jorge Margrave a respeito do Brasil, envolvendo a topografia, clima e os eclipses solares com o nome de *Tractatus topographicus et metereologicus Brasiliae, cum Observatione Eclipsis Solaris*.

Os originais da *Historia Naturalis Brasiliae*, de 1658, revisada por Guilherme Piso, se encontram na Biblioteca de Albertina em Viena, sendo que as duas edições ainda são muito consultadas pelos estudiosos a respeito das informações contidas nos seus capítulos<sup>126</sup>.

Em 1941, foi publicada a tradução para o português da segunda parte da edição de 1648, contendo os textos de Margrave, com o título: *História natural do Brasil*. Editada pela Imprensa Oficial, a tradução ficou a cargo do Monsenhor Procópio de Magalhães, já o prefácio e esboço bibliográfico foram elaborados por Affonso d'Escagnolle Taunay<sup>127</sup>. Foi justamente esta a edição que utilizamos para a presente dissertação, na parte relativa ao trabalho de Margrave.

À edição de 1941, seguiu-se outra em 1948, intitulada *História Natural do Brasil Ilustrada*. Atribuída a Guilherme Piso em comemoração ao primeiro cinquentenário do Museu

---

<sup>126</sup> Galindo, *Guia de informações para a História do Brasil Holandês*, XX e XXI

<sup>127</sup> Taunay, "Prefácio" para *História Natural do Brasil*.

Paulista à primeira edição em latim de 1648. A tradução neste caso ficou a cargo do professor Alexandre Correia, que fez, ainda comentários sobre a obra e biografia de Guilherme Piso<sup>128</sup>.

Outro texto utilizado nesta pesquisa é a *História natural e médica da Índia Ocidental*, tradução da primeira parte *De Indiae Utriusque re naturali et medica*, constituída novamente por livros de autoria de Piso e Margrave. Foi publicado em 1658, chegando ao português no ano de 1957<sup>129</sup>.

Esses comentários breves sobre a escolha dos documentos para esta pesquisa são importantes, pois são notadas passagens semelhantes nos textos dos dois autores (Guilherme Piso e Jorge Margrave). Não pretendemos, entretanto, discutir essa questão, pois o foco é pesquisar de onde, de qual fonte Gaspar Barleu poderia ter se inspirado para fazer sua obra, e será nesse momento que as obras dos dois autores acima serão inseridas neste estudo.

### 2.2.1 Breve biografia de Guilherme Piso

Guilherme Piso nasceu Willien Pies, em 1611, em Leiden, no que é conhecida hoje como a atual Holanda. Quando estava na Universidade de Caen modificou seu nome para Guillaume Lepois, e por último latinizou seu nome para Gulielmus Piso, que aportuguesado ficou Guilherme Piso<sup>130</sup>.

No ano de 1623, já se inscrevia em Leiden, e onze anos depois se doutora em medicina, em Caen, tida na época como uma importante universidade médica.

No final da década de 1630 é chamado por Maurício de Nassau, para vir ao Brasil, onde se destacou como chefe dos serviços médicos das Índias Ocidentais, assim como no estudo da natureza até 1643, quando pede autorização para retornar para os Países Baixos.

Em 1645, atua como doutor na Universidade de Leiden e mais tarde se muda para Amsterdam, onde ocupa, após a publicação de *História Natural do Brasil* cargos importantes como o de Inspetor e Decano do Colégio Médico de Amsterdam; de onde se demite em 1670, vindo a falecer oito anos mais tarde.

---

<sup>128</sup> DEDALUS acessado em 09/03/10

<sup>129</sup> Rodrigues, prefácio para *História Natural e Médica da Índia Ocidental*.

<sup>130</sup> Ibid., IX

Em sua obra, Piso registra as plantas que poderiam servir de alimento e de medicina, e as tóxicas ou contra venenosas que os indígenas usavam. Deve-se a ele a primeira descrição da ipeca e suas propriedades eméticas e catárticas, da copaíba e da salsaparrilha, de largo emprego terapêutico<sup>131</sup>.

### 2.2.2 Breve biografia de Jorge Margrave

Jorge Margrave nasceu em Liebstadt na Alta saxônia, em 1610, numa época de lutas religiosas que devastavam a região. Já na Universidade de Rostock, Margrave foi discípulo de Simão Pauli, professor de medicina e botânica. Depois de Rostock, Margrave passou por Stettin, onde foi discípulo de Lourenço Eichstadt, considerado um grande astrônomo da época, e ocupou-se da elaboração de certas efemérides astronômicas que o seu mestre preparava.

Jorge Margrave desenhou cartas geográficas, nas quais representava as vilas, cidades, povoações, fortalezas, lagoas, pontes, estâncias navais, posição das regiões e outras informações. Em 1639 se dedicou ao estudo do movimento dos astros e no ano seguinte fez a observação de um eclipse solar, fazendo o mesmo em relação aos eclipses lunares, sendo considerado um dos primeiros estudiosos europeus a fazer tais observações astronômicas no hemisfério sul.

Os relatos de Jorge Margrave não se restringiam a descrições astronômicas e geográficas, incluíam também a narrativa a respeito de muitas espécies de animais e vegetais, desconhecidas da época, com a nomenclatura em português.

Margrave decide ir à África para fazer novas descobertas, falecendo em Luanda em 1644<sup>132</sup>.

Segundo o prefácio do livro *História natural do Brasil*, os trabalhos de Margrave, no Novo Mundo, a respeito do firmamento do hemisfério austral e sobre a fauna e flora brasileiras, foram de grande importância para a compreensão, pelos europeus, sobre animais, plantas e movimentação dos astros, durante a sua estada no Brasil entre os anos de 1637 e 1644<sup>133</sup>.

---

<sup>131</sup> Rodrigues, prefácio para *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, IX-XI

<sup>10</sup> Guimarães, prefácio para *.História natural do Brasil*, I- XIII

<sup>133</sup> Ibid.

### 2.3 Comparação entre as obras de Barleu, Piso e Margrave

As obras *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil* de Barleu, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais* de Piso e *História Natural do Brasil* de Margrave que são discutidas nesta pesquisa, contribuem para a nossa história, já que resultam de estudos empreendidos pelos naturalistas holandeses durante a fase de ocupação de parte do litoral nordestino, entre os anos de 1630 e 1654, propiciando o acesso a informações significativas sobre o Brasil, que constavam apenas dos arquivos da Holanda<sup>134</sup>.

Nas obras de Gaspar Barleu, Guilherme Piso e Jorge Margrave, é possível observar uma descrição, não só para aplicação prática dos conhecimentos, mas também para abordar teorias que poderiam ser usadas na elaboração de hipóteses sobre a resolução dos problemas enfrentados pelos holandeses no Brasil ao tentarem entender as propriedades das plantas, e como esses conhecimentos poderiam ser ampliados. Assim, constituem-se em documentos importantes de pesquisa referentes ao período holandês.<sup>135</sup>

Alguns produtos agrícolas mencionados nas obras citadas são: cana-de-açúcar, provavelmente pelo interesse dos holandeses em dominar o processo de cultivo e fabricação de açúcar, e a mandioca, por ser um alimento que poderia substituir a farinha de trigo, além de suas propriedades que poderiam servir de medicamento para a cura de doenças tropicais.

Na obra de Barleu existem idealizações feitas sobre a administração de Nassau, o que já era esperado, pois o livro foi escrito para enaltecê-lo, como acontece no seguinte caso: “Deu sem dúvida, o Conde notável e raro exemplo de justiça e de eqüidade sobre os bárbaros, cumulando-os com todo o gênero de benefícios e decretando para seus trabalhos digna paga para os seus serviços”<sup>136</sup>.

Na obra de Gaspar Barleu, há a descrição do contexto histórico que originou a formação dos Países Baixos, seu papel no comércio de açúcar, assim como as relações destes com a Espanha e suas políticas de retaliação comercial aos holandeses durante o século XVI, que os levou a se decidirem pela ocupação da Bahia e Pernambuco no século XVII.

---

<sup>11</sup> Galindo, *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês*, 1-12

<sup>135</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 281-282

<sup>136</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 51

As questões religiosas a respeito do convívio entre holandeses protestantes, brasileiros católicos e judeus são descritas por Barleu, que menciona certa liberdade que Nassau adotou durante a sua administração, dando aos judeus a licença de descansarem do serviço de guarda aos sábados e dando liberdade aos católicos de praticarem a sua religião.

Como se observa em trabalhos escritos no século XX, nem sempre essa liberdade era de fato gozada. O exemplo a seguir trata das atitudes dos holandeses para com os católicos e judeus em relação às procissões católicas:

[...] “Em alguns lugares onde os brasileiros se sentiam em maior número, continuaram a levar às ruas suas imagens. Em várias ocasiões estas procissões acabaram com muita gente surrada e algumas mortes” [...] <sup>137</sup>.

Há no livro de Gaspar Barleu referências aos feitos de Nassau com menções ao palácio de Friburgo e as riquezas naturais encontrada em seu perímetro:

“Além dos palácios, também foi construído um horto que foi feito no Palácio de Virijburg, onde foram plantadas 252 laranjeiras, além de 600 que reunidas serviam de cerca; 80 pés de limões doces, 80 romãzeiras e 66 figueiras e árvores da terra; mamoeiros, jenipapeiros, mangabeiras, cajueiros, ubaias, palmeiras, pitangueiras, bananeiras; um zoobotânico com grande números de animais e aves vindos de quase todo o Brasil e África” <sup>138</sup>.

Há momentos no livro de Gaspar Barleu em que há grandes enaltecimentos aos feitos de Maurício de Nassau, como é o caso dos coqueiros transplantados, a mando do Conde, na parte que trata da construção do horto <sup>139</sup>:

“O momento mais importante da construção do horto teria sido a transplantação dos coqueiros em pleno desenvolvimento, fazendo-os arrancar a três ou quatro milhas de distância, com cuidado, para transportar para Antonio Vaz. Seus contemporâneos referem-se a esta experiência coroada de êxito, que segundo Barleu veio a diminuir a feno o antigo provérbio: “Árvores velhas não são de se mudar” <sup>140</sup>.

---

<sup>137</sup>Mello, *No Tempo dos Flamengos*, 53

<sup>138</sup>Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oitos anos no Brasil*, .51

<sup>139</sup>Ibid., 149-153

<sup>140</sup>Ibid., 150.

Gaspar Barleu ainda menciona em seu livro que: “se transplantaram 700 coqueiros, árvores septuagenárias e octogenárias [...que] logo no primeiro ano do transplante deram frutos copiosíssimos” <sup>141</sup>.

A respeito dos armamentos há menções que podem dar uma idéia sobre os conhecimentos bélicos dos holandeses, assim como sobre o seu desenvolvimento <sup>142</sup>.

A questão da escravidão é outro ponto abordado por Barleu, em que se pode notar a separação que faz ente a lei natural e a das pessoas:

[...] “A freqüente menção que faço dos escravos exige de mim uma breve digressão sobre a sua origem e condição. Uns o são por vício da natureza, outros em virtude da lei, àqueles chamo os que por defeito de inteligência e aptidões não logram se elevar às cogitações mais altas... Convindo mais viverem ao nuto e arbítrio alheio do que ao seu. A lei faz escravos, não a natural que manda que nasçamos todos livres, mas o direito das gentes, contrário a natureza, é verdade, mas não obstante introduzido não sem razão” [...] <sup>143</sup>.

Há ainda a descrição do quilombo dos Palmares, dando informações sobre a sua localização, cultura, habitantes e das leis que impunham obrigação de realizar plantios como meio de se garantir o abastecimento <sup>144</sup>.

Nossa pesquisa mostrou que as partes acima mencionadas comparecem na obra de Barleu, mas não nas de Piso e Margrave. São elementos interessantes de se pesquisar num momento posterior, com mais tempo e conhecimentos disponíveis. Além do mais, se a pesquisa se aprofundasse nesses tópicos haveria uma mudança de foco, já que a meta é procurar os elementos que comparecem em Barleu e nas obras de Piso e Margrave.

Entre as três obras, foram escolhidos alguns tópicos para verificar as semelhanças e diferenças entre os textos de Barleu, Piso e Margrave, tais como: cana-de-açúcar, mandioca, algumas frutas, formigas, o observatório astronômico e as observações a respeito dos eclipses, da hidrografia e das salinas.

---

<sup>141</sup> Ibid., 51

<sup>142</sup> Ibid., 144

<sup>143</sup> Ibid., 192.

<sup>144</sup> Ibid., 161 e 253.

A escolha dos tópicos baseou-se na importância dos mesmos para os holandeses, pelo interesse em saber como se produzia o açúcar de cana, ou de prover uma alternativa de alimento, como foi o caso da farinha de mandioca; ou ainda no caso das frutas desconhecidas na Europa, das pragas de insetos como as formigas; passando às observações sobre os eclipses, sobre um céu que era novidade para os holandeses, chegando às descrições das salinas.

Além destes, outros pontos são comuns nos autores estudados, como aqueles sobre o clima e os índios, mas que não foram aprofundadas nesta pesquisa para que não se tornasse extensa demais.

Para evitar repetições, procuraremos citar a partir do texto de Barleu, e, eventualmente as de Piso e Margrave. Seguem abaixo as relações dos tópicos e seus respectivos lugares de ocorrência nas três obras que comparamos.

### 2.3.1 A cana-de-açúcar

Nota-se que nas obras de Barleu, Piso e Margrave há descrições sobre a cana-de-açúcar, bem como seu processo de fabricação, que foi um dos motivos a levar os holandeses a ocuparem Pernambuco e regiões circunvizinhas, pois a posse dos conhecimentos de plantação, colheita e transformação da cana em açúcar eram muito importantes para que os holandeses pudessem desenvolver esse comércio.

Barleu traz informações sobre a cana-de-açúcar em diversas partes de sua obra, e para ele:

“a principal riqueza do Brasil era o açúcar, tirando desta riqueza, com o trabalho dos escravos, máximo lucro, vendendo, todo o ano, na Europa inteira, por muito dinheiro, o açúcar que as naus, atulhadas dele, transportam”<sup>145</sup>.

Em Piso encontra-se uma menção semelhante em que se aloca que “se o Brasil produzisse um milhão de arrobas, estas, se mandadas para a Europa, toda a produção se venderia com facilidade”<sup>146</sup>. Sobre a cana, Barleu discorre que “são elevadas extraíndo-se

---

<sup>145</sup>Ibid., 22

<sup>146</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 251.



delas um suco muito doce e agradável, melhor que o mel da Ática”<sup>147</sup>. Isso também pode ser visto quando Piso descreve a cana Tacomé em que diz “o açúcar da cana seria preferível ao mel da Ática”<sup>148</sup>.

No livro de Gaspar Barleu, há uma passagem, onde se menciona o processo de extração do açúcar e nela mesma, tem-se a indicação, que remete a uma nota de rodapé, a qual olhando-se, na parte de trás do livro, se pode verificar que Barleu teria se baseado na obra de Guilherme Piso, na elaboração da sua narrativa sobre a produção de açúcar<sup>149</sup>.

Ainda na parte de Barleu, há comentários a respeito do modo como o açúcar era extraído, colocado em caldeiras e tachos de cobre e depois de fervido, cristalizando-se em pães parecidos com pirâmides<sup>150</sup>.

Sobre esse assunto, Piso, fala da extração do caldo da cana, mencionando o uso de tachos de cobre e as etapas pelas quais deve passar a cana até se transformar em açúcar:

“cosendo o líquido com pouco fogo e expurgando-se as imundícies com uma colher grande com muitos furos, misturando-se um pouco de lixívia, colocando-se o suco em formas tapadas com barro”<sup>151</sup>.

Para que o açúcar da cana fosse extraído, havia necessidade de toda uma infraestrutura que os portugueses chamavam de Engenhos, essa mesma nomenclatura encontra-se na obra de Piso, nas menções às muitas máquinas vistas por ele, que estão na sua descrição da cana Tacomé.

Barleu faz um comentário a respeito da cana sacarina, dizendo que ela não atinge o tamanho de uma árvore, mas o do milho e de outras canas, erguendo-se de sete a oito pés, com uma polegada de grossura; gostando de solo fértil, clima quente e ar tépido; sendo a Índia Ocidental o local mais apropriado para as canas. O sumo da cana, segundo Barleu, ainda teria utilidade nas cozinhas e farmácias, pois serviria de alimento e remédio para os enfermos<sup>152</sup>.

Em Piso, há muitas menções sobre o tamanho da cana, que elas seriam altas e muito bem aclimatadas às Índias Ocidentais, onde encontraria clima e solo favoráveis ao seu cultivo.

---

<sup>147</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, .22

<sup>148</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, .250

<sup>149</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 74

<sup>150</sup> Ibid., .22

<sup>151</sup> Ibid., 73-4

<sup>152</sup> Ibid., 74

Piso também faz menção sobre as virtudes médicas da cana, no tratamento das doenças dos olhos, fígado e rins, além das folhas que poderiam ser utilizadas contra as feridas e úlceras<sup>153</sup>.

Na parte de plantio e males da plantação, Barleu comenta como um canavial é plantado, sendo que colocar pedaços de cana na terra seria o suficiente para produzir açúcar para toda a vida humana.<sup>154</sup> Algo que se assemelha com a descrição de Piso, para quem as mudas quando bem enterradas quase nunca precisariam serem replantadas, durando até quarenta ou cinquenta anos.<sup>155</sup>

Barleu comenta na sua obra que tanto a seca excessiva, queimando os campos, quanto as águas estagnadas dos rios apodreciam as raízes, levando um canavial ao seu fim<sup>156</sup>. Texto que se aproxima ao de Piso, quando este explica os fatores que levavam a cana ao declínio, ou seja, a inundação e a seca em excesso<sup>157</sup>.

Em Barleu, a descrição do processo de produção da cana em açúcar é mais sucinta do que em Margrave, o qual relata o processo em seus detalhes, descrevendo, a máquina de moagem, as caldeiras: “a ação do fogo lento sempre movido e purgado por uma grande colher de cobre até que fique escumado e purificado, sendo em seguida depositado em um vaso de cobre”<sup>158</sup>.

Há também comentários dos dois autores (Barleu e Margrave) sobre o processo de cozimento. Para Margrave devia se colocar nesse processo, umas gotas de óleo de oliva para causar certo ‘refrigério’; enquanto que segundo Barleu poderia ser manteiga.<sup>159</sup>

Os dois autores assemelham-se na parte que descrevem que o açúcar era levado para formas de barro onde iria se esfriando até coagular, sendo levado depois para a casa de purgar: “onde era colocado em esteios paralelos, em forma de bancos, abrindo-se um buraco em baixo da forma para que se desse a última purificação do açúcar pela destilação de um suco escuro chamado mel”<sup>160</sup> (ambos se referem ao açúcar como mel).

Na parte que trata sobre purificação do açúcar, Margrave comenta que:

---

<sup>153</sup> Piso, *História natural e Médica da Índia Ocidental*, 448

<sup>154</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 134

<sup>155</sup> Piso, *História natural e Médica da Índia Ocidental*, 253

<sup>156</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 134

<sup>157</sup> Piso, *História natural e Médica da Índia Ocidental*, 253

<sup>158</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 83-4

<sup>159</sup> Ibid

<sup>160</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 85

“para que se realize esta última, as formas são cobertas por uma tampa em forma de mesa redonda, fabricada de barro e umedecida com água fria para clarear o açúcar”<sup>161</sup>.

Gaspar Barleu também relata, nessa parte que as formas eram cobertas de barro, pois se acreditava que o açúcar ficasse mais claro, livrando-o das suas impurezas<sup>162</sup>.

### 2.3.2 A Mandioca

O conhecimento de como se preparar a mandioca, extraindo seu veneno, para assim utilizá-la como alimento, foi uma preocupação, quer dos portugueses ou holandeses, pois trazer trigo da Europa através do Atlântico saia muito caro e o produto nem sempre chegava em bom estado, sendo portanto, a farinha de mandioca um bom substituto para a alimentação<sup>163</sup>.

O descrito no parágrafo acima pode ser visto em Piso, na parte em que se encontram as descrições sobre a mandioca, que supria a carência de trigo enfrentada por muitas regiões das Índias<sup>164</sup>.

Em Barleu há passagens que descrevem a mandioca, sobre o modo de se plantar e colher<sup>165</sup>. “Em montezinhos de terra de três ou quatro pés de diâmetro metem-se três ou quatro pedaços destas varas, deixando-se de fora da terra até o meio”<sup>166</sup>. Em Piso<sup>167</sup> encontramos informação semelhante, entretanto, há dados sobre o modo de se tirar o veneno da planta: “As raspas, em seguida, são postas numa prensa ou máquina de espremer, onde com grande força o humor supérfluo e prejudicial é espremido”<sup>168</sup>.

---

<sup>161</sup> Ibid

<sup>162</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 74

<sup>163</sup> Piso, *História natural e Médica da Índia Ocidental*, 261

<sup>164</sup> Ibid.

<sup>165</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 23, 72 e 137

<sup>166</sup> Ibid. , 137

<sup>167</sup> Piso, *História natural e Médica da Índia Ocidental*, 261-70

<sup>168</sup> Ibid. ,166

Segundo Guilherme Piso, a mandioca tinha propriedades curativas, servindo como antídoto, uma vez que fosse raspada e aplicada contra “feridas e úlceras antigas”, limpando-as e dando alívio<sup>169</sup>

Em seu relato sobre a mandioca, Barleu narra que no Brasil, as pessoas: “alimentam-se com uma raiz sativa à qual reduzida a farinha chamava de mandioca”<sup>170</sup>. As regiões mais propícias para plantação da mandioca seriam “as mais distantes entrecortadas de montanhas e de vales”, onde a planta se aclimatava melhor, e com a qual os índios serviam-se de alimento fazendo uma farinha de suas raízes, que lhes serviam de trigo e pão<sup>171</sup>.

Nesse ponto há um encontro com Piso, onde este comenta que, a que a planta não gosta de terra úmida ou irrigada, como era o caso da cana-de-açúcar, mas antes da “seca, ardente e acidentada, sobressaindo-se em tubérculos”<sup>172</sup>.

Em Piso, há a indicação que deveria se cuidar da limpeza do campo até que a planta crescesse, o que ocorreria após oito ou dez meses, reforçando que a semeadura era feita por meio de mudas<sup>173</sup>.

Em Piso também se encontram referências quanto ao consumo da raiz como subsistência. Os habitantes achavam mais agradável do que o pão. As folhas serviam como alimento também<sup>174</sup>.

Na parte que comenta sobre o aspecto da planta, o modo de se plantar e colher, a mandioca é descrita da seguinte maneira:

“ramos de nove folhas alternadas, no formato de cinco em rama ou pentafileão, como os dedos da mão sem flores ou sementes, que pudessem ser colocados como meios de propagação da planta”<sup>175</sup>.

Sobre o aspecto das raízes é dito em Barleu que:

“[...] brotam da terra em 2 ou 3 rebentos os quais se tornando lenhosos no oitavo, décimo ou duodécimo mês e servindo de sementes”<sup>176</sup>.

---

<sup>169</sup> Ibid., 168

<sup>170</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 23

<sup>171</sup> Ibid., 72

<sup>172</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 264

<sup>173</sup> Ibid., 265

<sup>174</sup> Ibid., 267

<sup>175</sup> Barleu, *História dos Feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 137

<sup>176</sup> Ibid.

Em Piso, pode-se perceber algumas semelhanças em relação às descrições de Barleu sobre o formato da mandioca, seu plantio e germinação:

“fora da terra com dois ou três rebentos, que servem de semente, logo no oitavo, décimo e décimo segundo mês começam a se dissolver sendo três troncos desta planta derramados em figura pouco mais ou menos piramidal. São enterrados não profundamente ao mesmo tempo em montículos de terra com a distância de cerca de três pés e elevando-se a altura de palmeira entrelaçam-se na parte superior”<sup>177</sup>.

A mandioca, segundo os dois autores, Barleu e Piso, não pedia nenhum fruto para sua propagação, diferentemente do caso das plantas que conheciam das suas regiões de origem, cujas sementes eram os próprios frutos<sup>178</sup>.

Tanto em Barleu quanto em Margrave tem-se a menção de a mandioca ser um alimento dos menos abastados, sendo que os mais ricos se alimentariam de trigo<sup>179</sup>.

No caso de Margrave, há algumas passagens em comum com Barleu, quando encontra-se a descrição da mandioca como sendo:

“um arbusto de caule lenhoso da grossura de um polegar de um dedo humano, estendendo-se em muitos ramos, que por sua vez possuem ramos menores, havendo em cada um deles de três a sete folhas estreitas oblongas dispostas em forma de estrela, existindo várias destas espécies com nomes diversos”<sup>180</sup>.

Quanto aos cuidados com a escolha do lugar de plantio, há também uma similaridade de informações em que os dois autores, Barleu e Piso, onde mencionam que : “cada um dos montinhos mede de largura três pés, de altura pé e meio e em cada um deles se fixam três talos de mandioca, que germinam tantos brotos quantos são os nós do talo”<sup>181</sup>.

Os dois autores, Barleu e Margrave, relatam o processo pelo qual deve passar a mandioca, desde sua ralação até que seja espremida seca e transformada em farinha, que é própria para se comer, sendo que quando crua é venenosa para as pessoas. Sendo citado

---

<sup>177</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 264.

<sup>178</sup> Barleu, *História do feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 137 e Piso *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 365

<sup>179</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 65-68

<sup>180</sup> Ibid., 65

<sup>181</sup> Ibid., 66

pelos dois autores, o pão feito dessa farinha seria melhor do que o pão de trigo<sup>182</sup>, assemelhando-se à análise de Piso sobre este mesmo tema só que com mais detalhes sobre a forma de extrair o veneno da mandioca.

### 2.3.3. Descrição das frutas

No caso da descrição de Barleu sobre os cajus, o fruto é apresentado com o formato de “peras silvestres, succulentas que se comem avidamente durante o calor”. Dentro desta “pêra” é dito que: “cresce uma castanha de casca muito amargosa, de miolo muito doce. Quando se assa, a pêra refresca e a castanha esquenta”; sendo considerada uma árvore frutífera muito importante do Brasil<sup>183</sup>.

Em Piso, os cajueiros são comentados como sendo:

“no formato de uma árvore umbrada, copada e aformoseada de muitos ramos, contudo não atingindo grande altura, mas como na realidade é uma macieira, encurva-se com várias e sinuosas inflexões, deitando seus ramos para a terra”<sup>184</sup>.

É interessante notar que nessa parte, Piso faz uma comparação com peras e maçãs e árvores que são da Europa, como a noqueira. Ele também escreve que a castanha surge de uma flor e que desta: “cresce um pomo oblongo que consta de uma polpa esponjosa de suco doce, ácido e adstringente”<sup>185</sup>.

A parte que mais se assemelha, no caso da descrição dos cajus é a em que Piso retrata que a castanha contém um óleo acre, muito picante, que se alguém desavisado tocá-la com a boca pode ter os lábios e a língua queimados como fogo<sup>186</sup>. Já Barleu comenta que a fruta possui uma castanha que esquenta<sup>187</sup>.

---

<sup>182</sup> Ibid., 67

<sup>183</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 72 141 e 234

<sup>184</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 275

<sup>185</sup> Ibid.

<sup>186</sup> Ibid., 277.

<sup>187</sup> Barleu, *História dos Feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 72

Para se extrair o óleo contido na casca, torra-se a castanha sob as cinzas tirando-se o núcleo ou comendo-o fresco e torrado<sup>188</sup>.

Quando se lê as descrições de Margrave sobre o caju, percebe-se que a nomenclatura é a mesma usada por Barleu. Denominado, por Margrave vulgarmente, acaíu ou caju tem “um pomo oblongo oval ou redondo” que pode ser tomado como uma pêra ou maçã, apresentando quando maduro, uma polpa esponjosa, fibrosa e mole, com abundância de suco<sup>189</sup>. Como se vê, algo bem parecido com o relato de Barleu, que menciona o fruto como muito succulento, doce e ácido.<sup>190</sup>

Em Margrave se encontra a descrição da castanha que contém:

“um óleo acre e mordaz, de sorte que aplicado, embora levemente, a pele queima como fogo; por isso se alguém desacomodado esmagá-lo com os dentes, logo a língua e os lábios queimaram, causando viva dor”<sup>191</sup>.

Nessa parte pode-se notar algo semelhante ao que Barleu retrata sobre como a castanha seria quente.

Há também a descrição do núcleo em forma de rim, branco, coberto de uma cutícula amarela que deve ser separada, e quando assado tem excelente sabor.<sup>192</sup> Nessa parte a semelhança com Barleu se dá sobre o fruto ser muito apreciado pelas pessoas, explicando que o fruto tem um sabor agradável<sup>193</sup>.

O período de colheita é semelhante ao encontrado em Margrave, entre dezembro e janeiro, os meses mais quentes no nordeste, há abundância de frutos maduros<sup>194</sup>.

A respeito dos ananases, Barleu comenta que a nomenclatura do fruto se estende a todo o gênero de frutas, desde as que levam palma a aquelas que se chamam ananases. Segundo sua descrição:

“A planta é de pouco talhe e em seus ramos ficam suspensas pinhas muito tenras. Cortando-se estas em talhas na sazão própria, são um alimento gratíssimo ao mesmo tempo pelo tempo, pelo cheiro e sabor,

---

<sup>188</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 275-279

<sup>189</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 94

<sup>190</sup> Barleu, *.História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 234

<sup>191</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 94

<sup>192</sup> Ibid.

<sup>193</sup> Barleu, *.História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 234

<sup>194</sup> Ibid., 95

podendo-se comer ao mesmo tempo ou conservar no açúcar por largo tempo”<sup>195</sup>.

Em Piso há algumas semelhanças com a descrição de Barleu, sobre o ananás, começando pela descrição das folhas de onde brotam: “são cerca de vinte, ablongas, dentadas nos bordos mocronadas. A maneira de gládio, parecidas às folhas do aloés, que são semelhantes às folhas do ananás”<sup>196</sup>.

É posto também o fato de cada planta dar fruto só uma vez ao ano. Impregnando o ambiente com um aroma muito doce, parecido com mel.

A forma de se beber é muito parecida nas duas descrições (de Barleu e de Piso), onde se comenta como são espremidos na boca com os dedos e a satisfação quando o ingerem, justamente por ser um alimento muito apreciado.

No caso da descrição de Margrave sobre os ananases, estes são descritos como: “saídos de uma raiz, de onde procedem quinze ou mais folhas semelhantes as do aloés”<sup>197</sup>; sendo semelhante às descrições da folha encontrada em Barleu<sup>198</sup>.

Nos três autores (Barleu, Piso e Margrave) o fruto é tido como alimento de suavíssimo sabor, podendo ser conservado com açúcar; encontrando-se similaridades na forma como se costuma dividi-lo transversalmente em talhas, além das referências ao fato de o fruto ser muito apreciado pelas pessoas.

#### 2.3.4 Parte sobre os animais

Sobre os insetos, escolhemos as descrições a respeito das formigas, que devem ter despertado o interesse dos estudiosos por serem um grande problema para as plantações da época colonial.

Assim, tanto em Barleu<sup>199</sup> quanto em Piso<sup>200</sup> e Margrave<sup>201</sup> há menção sobre esses insetos que são tidos como muito numerosos, quer nos campos ou nas florestas; encontrando-

---

<sup>195</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 72

<sup>196</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 412-415

<sup>197</sup> Margrave, *História natural do Brasil*, 33

<sup>198</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 72

<sup>199</sup> *Ibid.*, 128

<sup>200</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 42

<sup>201</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 162



se caminhos de formigas que sempre se tornam mais e mais numerosos, devorando tudo e cavando a terra como toupeiras, devoram as plantações com incrível rapidez.

Nas três obras se observa a preocupação com as formigas, consideradas uma grande praga nas lavouras quer no caso descrito por Barleu nos engenhos de cana de Pernambuco; quer nas culturas de vinhedos e de cereais mencionadas por Piso, que inclusive descreve as formas que os colonos tinham para tentar acabar com as formigas; continuando pela obra de Margrave onde é comentado que só as frutas cítricas e o jenipapo escapavam da devastação empreendida pelas formigas.

Sobre os animais foi escolhido o caso dos seriguês, que por serem marsupiais e não existirem na Europa, possuem uma descrição muito semelhante em Barleu e nas obras de Piso e Margrave, deixando claro que teriam sido um dos os primeiros textos sobre o assunto.

Em Barleu, lê-se que os seriguês são:

“do porte de uma raposa, mostram na barriga uma coisa insólita e curiosa, dela pendem duas como bolsas onde carregam os filhos agarrados às tetas com forte sucção que não as deixam antes de poderem já mais crescidos correr para buscarem comida por si”<sup>202</sup>.

Em Piso pode-se ler com um pouco mais de detalhes que:

“o inusitado animáculu deve ser inscrito no número dos ratos monteses maiores; é denominado pelos habitantes do litoral carigueyá; pelos lusitanos de raposa, sendo do tamanho de uma raposinha; tem a cabeça e boca vulpina”. “É um animal estranho. No baixo ventre, perto do ânus sua pele é dupla e uma fenda exterior, que a corta faz como que uma bolsa, interiormente peluda denominada em idioma vernáculo Tambeio. A boca desta bolsa se fecha estreitamente de sorte que mal se vê, a não ser distendida com os dedos, e então na pele interior aparecem mamas com oito papilas. Leva os filhotes consigo tão pertinazmente agarrados às tetas que mal podem ser afastados da intersucção, antes que com a permissão da mãe saiam para se alimentar”<sup>203</sup>.

---

<sup>202</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 138

<sup>203</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 666-7

A estranheza sobre esse animal aparece também em Barleu, ao dizer que na barriga havia “uma coisa insólita e curiosa”, onde ficavam os filhotes, sendo a descrição semelhante, inclusive a comparação com o porte de uma raposa.<sup>204</sup>

Em Margrave se observa uma descrição muito semelhante, desde a estranheza em se descobrir um animal com a anatomia diferente, com os filhotes ficando dentro de uma bolsa baixo ventre, perto das pernas traseiras, ao invés de ficarem dentro de um útero, como tinha sido com as observações dos animais vistos até então, até as comparações com uma raposa<sup>205</sup>.

Essa passagem é muito interessante porque, como se sabe, os marsupiais têm seu habitat na Austrália e em algumas ilhas adjacentes, e em algumas partes do continente americano, não existindo na Europa, de onde os naturalistas vieram.

### 2.3.5 Algumas árvores

Segundo Barleu, o Brasil possuía árvores notáveis, como era o caso da Copaíba, de cuja casca cortada durante o estio, emanava um líquido de cheiro suavíssimo, a modo de bálsamo, o qual tinha a capacidade de curar as feridas e tirar as cicatrizes, sendo a planta constantemente esfolada pelo atrito com animais, que ofendidos pelas cobras procuram instintivamente esse remédio da natureza<sup>206</sup>.

Em Piso, a mesma árvore Copaíba é descrita como eficaz pela sua virtude de limpar, consolidar e para curar quaisquer feridas, ainda no princípio, assim como as mordeduras de serpentes e eliminar as cicatrizes<sup>207</sup>.

No caso da descrição da Copaíba em Margrave é narrado que a árvore produzia um óleo ou bálsamo (como em Barleu) muito limpo, com a consistência e sabor do óleo destilado de terebintina, que aplicado quente com filamentos à ferida recente, estanca o sangue com rapidez e cura<sup>208</sup>.

---

<sup>204</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*,138

<sup>205</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*,.222-223

<sup>206</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*,141

<sup>207</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*,.270-272

<sup>208</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 223

Sobre a Copaíba, tanto Barleu quanto Piso mencionam as propriedades do bálsamo dessa árvore para a cura de feridas e eliminação de cicatrizes, o que pode ser visto também em Margrave, com acréscimo das características do bálsamo, tido como um aroma muito suave.

Em Barleu, a Cabureira é descrita como uma árvore que verte um bálsamo com uma fragrância agradável<sup>209</sup>. Já na obra de Piso, a descrição dessa árvore é um pouco mais extensa, por se tratar de um livro de medicina, sendo descrita como muito alta, avantajada, assemelhando-se a Barleu na parte do odor que exalava, mencionando-se que, quando velha espalha aroma mais agradável, não somente às casas mas aos bosques inteiros<sup>210</sup>.

Em Margrave não foi encontrada menção a essa árvore.

Quanto à Icicariba, Barleu explica que essa dá a goma elemi<sup>211</sup>, o que pode ser visto em Piso quando este descreve os campos cansados e arenosos onde se encontra uma árvore que dá a goma, chamada pelos bárbaros de Icicariba (mesma nomenclatura usada por Barleu) em razão da lágrima que verte; com a denominação de Içicá, a qual os lusitanos chamam de Almacíga. Dela verte uma goma ou resina odorífera, excelente, de cor branca esverdeada, que segundo Piso é “inteiramente semelhante à goma elemi”, dando, portanto a entender que é a mesma goma a qual Barleu se refere<sup>212</sup>.

Em Margrave, a descrição da Icicariba é também um pouco mais extensa, sendo semelhante à de Piso, assemelhando-se à Barleu na parte em que coloca sobre a resina, que se chama Ica (mesmo nome dado por Barleu) e também quando decorre a respeito do aroma forte que a resina exala, assim como da goma elemi que recebe o mesmo nome que em Barleu<sup>213</sup>.

Portanto, com relação à Icicariba, além da nomenclatura que aparece nas três obras, há a menção à goma elemi, que é extraída dessa árvore.

A Ietaibá, descrita por Barleu, aparece como uma árvore cuja resina é denominada anime pelos portugueses, possuindo cheiro muito agradável e sendo de muita utilidade<sup>214</sup>.

---

<sup>209</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 141

<sup>210</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 273-274

<sup>211</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 141

<sup>212</sup> Piso, *História Natural e Médica*, 279-80.

<sup>213</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 98

<sup>214</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 141

Em Piso, letaibá também recebe destaque por sua resina. Tida como agradável por seu odor e eficaz por sua utilidade, sobretudo nas dores de cabeça oriundas do frio<sup>215</sup>.

No caso do Andá, a árvore é descrita por Barleu como tendo castanhas catárticas<sup>216</sup>, ou seja, podem ser usadas como laxante. Piso já a descreve as propriedades do fruto, que teria um sabor que lembrava as castanhas e que ao serem comidas cruas tinham um efeito laxativo, servindo para provocar o vômito em algumas pessoas. Sobre suas propriedades é dito que era muito procurada pelos ricos e pelo clero, que a viam como um medicamento muito bom<sup>217</sup>.

Na parte em que Margrave descreve o Andá, percebe-se o ponto em comum na menção feita às propriedades da castanha dessa árvore, que pelo uso da palavra “catártica”, subentende-se sobre suas propriedades de purgar o corpo.

No caso da Mucitaiba ou Pau-santo, em Barleu<sup>218</sup>, o que se verifica é o mesmo uso da nomenclatura encontrada em Margrave. A árvore é descrita como tendo a forma de um grande carvalho ou pereira silvestre, com casca cinzenta e folhas de cor semelhante ao tronco amarelo<sup>219</sup>. Nesse caso Barleu apenas citou a árvore de nome Pau-santo, mas para citar deve ter se baseado em outras obras, como a de Margrave<sup>220</sup>.

Na parte das Sapucaias, em Barleu<sup>221</sup> e em Margrave<sup>222</sup>, pode-se notar a semelhança entre os nomes (Margrave usa a denominação Jacapucaya) e entre as descrições sobre a árvore, pois os dois descrevem-na como sendo alta, caracterizando os frutos de forma semelhante: estarem dentro de uma caixa voltada para baixo e de servirem como alimento.

No caso do Jenipapo, este é descrito por Barleu como uma árvore de cujo suco se pintam os naturais<sup>223</sup>. Já em Margrave, o Jenipapo possui uma descrição maior<sup>224</sup>, porém, apesar do Jenipapo aparecer com menos descrições em Barleu do que em Margrave, o que nota-se é que em ambos há menção ao uso que os índios faziam dessa árvore para se pintarem.

---

<sup>215</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 281-283

<sup>216</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 141

<sup>217</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 331-332

<sup>218</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 141

<sup>219</sup> Margrave, *História natural do Brasil*, 105-6

<sup>220</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 106-107

<sup>221</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 141

<sup>222</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 128

<sup>223</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, 141

<sup>224</sup> Margrave, *História Natural do Brasil*, 92

### 2.3.6 Observatório astronômico

Barleu comenta sobre o observatório mandado fazer pelo conde Maurício de Nassau para que Jorge Margrave pudesse estudar os movimentos dos astros, a grandeza, distância e outras coisas referentes aos corpos celestes<sup>225</sup>.

Piso, ao falar da construção do observatório astronômico no Recife, menciona que a serenidade dos céus permitia ao astrônomo e aos estudiosos dos corpos celestes muitos dados acerca dos eclipses, das nuvens de Magalhães acerca de Vênus; de Mercúrio e enfim, acerca das aproximações da Lua para as estrelas fixas e planetas e outros fenômenos que não poderiam ser tão bem vistos pelos europeus, assim como da alta torre construída para usos astronômicos pelo Ilustríssimo D. J. Maurício, Príncipe de Nassau<sup>226</sup>.

Em Barleu, há a descrição de um eclipse do Sol quase total para o Brasil, ocorrido no fim do ano de 1641. Barleu narra o fenômeno, não como algo maravilhoso, posto que já eram conhecidas as causas do evento, mas por ter sido ele recebido como feliz agouro pelos cidadãos benévolos. Trata-se do eclipse ocorrido em 13 de novembro, em Maurícia, como tendo começado:

“às 10 horas e atingido o máximo às 11, obscurecendo-se três quartas partes e 28’ do disco solar, de sorte que ali ficou brilhando menos de um quarto dele. Às 12 horas e 47 minutos, de novo resplandeceu em plenitude sua luz.”<sup>227</sup>

Um ponto importante também relatado em Barleu se refere à passagem em que é descrito como o eclipse tomou diversos aspectos conforme os lugares de onde era visível, em razão das diferenças de longitude e latitude da esfera terrestre, sendo bem semelhante com a descrição de Margrave.

Continuando com seu relato Barleu expõe:

“Assim em Nicarágua, mostrou-se o Sol inteiramente imerso na sombra da Lua; mas contemplando-o sob outra forma os habitantes de Cartagena e do Rio Santa Marte, ao norte da América meridional e

---

<sup>225</sup> Barleu, *História dos feitos recentemente praticados durante os oitos anos no Brasil*, 347

<sup>226</sup> Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 35

<sup>227</sup> Barleu, *Historia dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 205

bem assim os de Porto Seguro no Brasil, os angolese na África e os moradores do Rio da Prata e do estreito de Lemaire”<sup>228</sup>.

Nessa passagem pode-se perceber a extensão do fenômeno e as áreas onde ocorreu, que de acordo com a latitude, puderam percebê-lo de forma mais ampla ou não.

O trecho sobre o eclipse também é importante pois adiciona uma nova visão sobre questões controversas, no que dizia respeito às questões de longitude e latitude, existentes entre os navegadores acerca da posição do continente americano, tornando cientes aos geógrafos e hidrógrafos da época, que a nova terra se situava mais ao ocidente do que tinha-se pensado até aquele momento<sup>229</sup>.

Nas duas obras, *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil* e na *História Natural do Brasil*, são encontradas referências ao observatório astronômico, construído por Nassau para que Margrave fizesse suas observações quanto ao céu austral.<sup>230</sup>

Na obra de Margrave encontramos as observações sobre o planeta Vênus em 1639; as medições que Margrave fez da latitude e longitude de Recife em relação à Europa, e o eclipse solar de 1640, cujos relatos são semelhantes ao fenômeno descrito por Barleu.

### 2.3.7 Hidrografia

É interessante perceber, na parte que se comenta sobre a hidrografia, as similaridades entre as obras de Barleu e Margrave, na descrição dos lugares de onde brotam as fontes e rios, sendo o mais célebre chamado:

“rio Da Prata, o qual entra no oceano quatro léguas da foz e com tanto ímpeto que os marinheiros já bebem água doce antes de avistarem, do alto mar, a terra. São também rios afamados o Real, o São Francisco, o de Janeiro, o Capibaribe, o Beberibe”<sup>231</sup>.

---

<sup>228</sup> Ibid.

<sup>229</sup> Piso. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 38

<sup>230</sup> Barleu. *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 347 e Taunay, esboço biográfico para, *História Natural do Brasil*, XII

<sup>231</sup> Barleu. *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, 25

Nos três autores (Barleu, Piso e de Margrave) há referências sobre a hidrografia do Brasil. No caso de Barleu é descrita a grande variedade de fontes e rios que brotam no continente<sup>232</sup>.

Em Piso também há menção a muitos rios que desembocam no oceano, sendo que a maioria não é navegável para embarcações de carga porque serem rasos. Nesses casos, as menções aos nomes dos rios são semelhantes, até no caso da grandeza do rio da Prata que fazia a água doce ser encontrada bem antes de ser ver terra.

“Exceto uns poucos, embora não distem de suas fontes três ou quatro milhas, contudo nas desembocaduras assemelham-se a grandes rios, se bem que isto aconteça por causa dos fluxos do mar que lhes invadem a foz servindo de exemplo o Rio Formoso, o Rio Grande e outros capazes de receber nas desembocaduras grandes navios, mas uma vez entrados para o interior, apenas duas léguas do litoral podem ser atravessadas a pé e nenhum outros rios são encontrados nesta parte da América que recebam em seus leitos tão grandes chuvas”<sup>233</sup>.

Guilherme Piso procurou explicar o motivo para se encontrarem água doce, longe da costa. A origem destas águas, estaria nos cumes das montanhas, de onde caía muita chuva, aumentando a vazão desses rios que se encaminhariam para o mar.

Era o caso dos “rios das Amazonas e Maranhã; para o outro lado, rio São Francisco e os chamados de La Plata de janeiro em direção sul”, que ao receberem as águas vindas das regiões mais altas, se tornavam caudalosos, se direcionando “trinta milhas para dentro do oceano com grande ímpeto que do mar são colhidas águas doces pelos marinheiros”<sup>234</sup>.

No caso de Margrave há menção de que:

“nos confins do território dos tapuias, segundo a descrição de Jacob Rabbi que havia morado vários anos entre eles, havia grandes rios como: o rio Grande em cuja entrada se encontra a cidadela de Colônia, a uma distância de seis horas, penetra no continente, em direção ao ocaso; em seguida, o rio Mupeo a nove horas de viagem do rio Grande, direção ao sul, enfim syrag minor a três horas de viagem do rio Grande, em direção ao norte desce o continente num caminho de quase cinquenta horas do Rio Grande em direção ao norte, corre para o mar o notável rio Mapreucauch descendo do continente de uma grande distância repleto de porcos aquáticos, em suas margens vagam cabras e

---

<sup>232</sup>Ibid.

<sup>233</sup>Piso. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, 39

<sup>234</sup>Ibid.

avestruzes. O terceiro rio chama-se ypotinge, o quarto é chamado Uguaçu, dista do Rio Grande uma extensão de dezessete horas”<sup>235</sup>.

O importante desse trecho é que ainda hoje se pode encontrar nos mapas a localização de algumas destas regiões, como é o caso do rio ypotinge, que hoje se denomina Potengi e se localiza no Rio Grande do Norte ou o caso do rio Uguaçu que hoje recebe a denominação de rio Maceió.

Por essas informações pode-se ter uma idéia do conhecimento que os holandeses tinham dos lugares ocupados por eles.

No caso das descrições de Gaspar Barleu nota-se o conhecimento sobre os rios, além do fato de ele saber da existência de água doce encontrada por marinheiros quando ainda não se via o rio em si.

#### 2.3.9 As Salinas

No caso das descrições sobre as salinas percebe-se a noção que os holandeses tinham do tamanho da região que ocupavam e mais além dela.

As descrições das salinas em Barleu e em Margrave são semelhantes, embora os nomes sejam difíceis de checar. Se bem que palavras como Uguasu e Upanema ainda sejam encontradas como nomes de lugares do rio Grande do Norte e que por isso levam a crer serem descrições das mesmas salinas.

É relatado que haviam sido descobertas salinas perto de Upanema, cujo feito era creditado a “um tal de Gedeão Morritz”, sendo essas mesmas, depois “entregues à administração de Elberto Smienth”, gerando expectativas de bons rendimentos, mas que não ocorreram pois “a varíola dizimou a população e por causa das despesas maiores que os lucros, foram elas abandonadas”, conforme pode ser lido em Barleu<sup>236</sup>.

Há algo semelhante em Margrave:

“A um dia de viagem de Uguaçu acha-se o Yponi, onde se encontram muitas salinas; destas até as outras salinas a distância é de quinze

---

<sup>235</sup> Margrave. *História Natural do Brasil*, 268

<sup>236</sup> Barleu. *História dos feitos recentemente praticados durante os oitos anos no Brasil*, 235



milhas, novamente destas até Ariawa é de nove milhas, até as máximas salinas”<sup>237</sup>.

Tanto no texto de Gaspar Barleu, quanto no de Jorge Margrave, percebe-se semelhanças quanto à nomenclatura, assim como o conhecimento que ambos tinham a respeito da existência das salinas.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa procura compreender um pouco melhor o período no qual Maurício de Nassau esteve à frente da administração do nordeste do Brasil, em nome da Companhia da Índias Ocidentais, (1637 – 1644).

Sabíamos que esse período tinha se caracterizado por uma fase de transformações para a nossa história, mas por outro lado percebemos havia pouca informação nos livros, a respeito dos conhecimentos estudados, durante o período, motivando-nos pesquisar o assunto.

Uma obra tida por alguns autores, como Marcos Galindo, como referência do período é a intitulada *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, escrita por Gaspar Barleu, em 1647. Esta foi, assim, uma das escolhidas para este trabalho.

A obra foi encomendada a Barleu por Nassau, logo que este retornou à Holanda, em 1644. O principal motivo do Príncipe foi deixar registrados seus feitos de administrador, durante a estada no Novo Mundo.

Assim, Maurício de Nassau, deixou à disposição de Barleu, os registros sobre o que havia sido feito, no Brasil, ao longo da sua liderança. O que expusemos, nos direcionou à formulação da hipótese de que a obra de Barleu havia sido inspirada na de outros autores do período, o que nos norteou na escolha de relatos que pudessem responder a esta questão. Tendo isso em vista, tratamos de fazer uma análise da obra de Barleu, buscando semelhanças com outras obras do período, uma vez que já sabíamos que o seu autor nunca havia estado no Brasil.

---

<sup>237</sup>Margrave. *História Natural do Brasil*, 268

Na nossa procura, encontramos intitulada *História Natural do Brasil*, publicada, em 1648, com a assinatura de Guilherme Piso e de Jorge Margrave, estudiosos da comitiva de Nassau que, relataram suas impressões sobre o Brasil daquela fase.

Como vimos em capítulos anteriores, Piso refez a *História Natural do Brasil*, dez anos depois, publicando-a com o nome de *História natural e Médica da Índia Ocidental*, numa tradução para o português feita em 1957, dezesseis anos depois do mesmo ter sido feito com a *História Natural do Brasil*, de autoria de Margrave.

Com as obras encontradas e selecionadas, partimos para a análise da obra de Barleu, que se constituía no nosso principal objetivo, buscando similaridades, assim como suas diferenças, entre esta primeira e as de Piso e Margrave, procurando reconhecer qual teria sido o papel desses dois autores na elaboração do relato de Barleu sobre os feitos de Nassau, no Brasil.

Durante as leituras foram encontradas muitas semelhanças entre os relatos de Barleu e os de Piso e Margrave a respeito do modo de se cultivar a cana, para a produção do açúcar, do conhecimento do uso da mandioca como farinha, as descrições das árvores, inclusive com os mesmos nomes colocados por Piso e Margrave.

Um dos elementos que mais nos chamou à atenção foi a descrição dos seriguês, pela forma como foi descrita a estranheza diante deste animal, já que marsupiais não existiam na Europa, assim como o conhecimento da localização das salinas ou dos rios por ele descritos, e os relatos dos eclipses que são bem semelhantes.

Mesmo quando havia semelhanças entre os relatos, eram encontradas algumas diferenças quanto à extensão e profundidade das descrições, lembrando que o interesse de Barleu era o de levantar os feitos de Nassau, o que abarcava não só as descrições das plantas e animais em Piso ou as descrições sobre as observações astronômicas de Margrave, mas sim o contexto da vinda de Nassau e seus feitos, daí incluindo as descrições de Piso e Margrave de forma, às vezes, um pouco sucintas.

Assim, as semelhanças das obras de Piso e Margrave, encontradas na de Barleu, nos levaram à confirmação da nossa hipótese, de que Barleu teria se baseado, entre outras, nas obras de Piso e Margrave, para compor a sua narração sobre os feitos de Nassau. Pudemos concluir por isso que as obras de Piso e Margrave tiveram um papel importante, na composição

da obra de Gaspar Barleu *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*, aumentando o nosso conhecimento acerca do período holandês, no nordeste, do Brasil.

### Bibliografia

- Aceves Pastrana, Patrícia. *Química Botânica e y Farmácia em La Nueva Españaa finales Del siglo XVIII*. México D. F.: Universidade Autónoma Metropolitana, 1993.
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria & Márcia Helena Mendes Ferraz. “A institucionalização da metalurgia no Brasil: da escola à práxis”. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência* 7 (1992):15-24.
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria & Maria Helena Roxo Beltran (org). *Escrevendo a história das ciências: Tendências, propostas e historiográficas*. São Paulo: EDUC; Livraria Editora da Física; Fapesp, 2004.
- Anônimo ( Orville A.Derby). “The Present State of Science in Brazil”. *Science* (mar.1883): 211-14,
- Azevedo, Fernando de. *As ciências no Brasil*. 2 vols São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- \_\_\_\_\_. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Canaviais e Engenhos na Vida Política do Brasil*. Col. Obras Completas. Vol XI. São Paulo: Melhoramentos, 1950. 2ª Ed.
- Barleu, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Belo Horizonte ; São Paulo: Itatiaia; USP, 1974. Trad. Cláudio Brandão. 2ª edição.
- Barros, Fernando Antonio F. de. “Os desequilíbrios regionais da produção técnico- científica”, *São Paulo em Perspectiva*, Jul. / Set. 00, Vol. 14. Nº 03, 12-19, disponível em : [www.scielo.br/pdf](http://www.scielo.br/pdf) ; internet acessado em 08/04/2008.
- Câmara, Manuel Arruda da. *Obras reunidas*. Col. Recife, XXX vol. Recife: Fundação da Cultura da Cidade, 1982.
- Canguilhem, Georges. *Ideologia e racionalidade das ciências da vida*. Trad. port. de Emília Piedade Lisboa, Edições 70[s.d.].

- Carvalho J. Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto.: Peso da Glória* São Paulo; Rio de Janeiro: Nacional; FINEP, 1978.
- Ferrão, Cristina & Soares, José Monteiro. Benjamin Teesman ( org. e trad. ) . *O Brasil holandês*. Rio de Janeiro: Index , 1999.
- Ferraz, Márcia Helena Mendes. *As Ciências em Portugal e no Brasil( 1772-1822): o texto conflituoso da química*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 1997
- Ferraz, Márcia Helena Mendes. “A química médica no Brasil colonial: o papel : o papel das novas terras na modificação da farmacopéia clássica”. In *História da Ciência :o mapa do conhecimento*, orgs. Ana Maria Alfonso –Goldfarb & Carlos A. Maia. Rio de janeiro; São Paulo, Expressão e Cultura; Edusp, 1995, 693-709.
- Ferraz, Márcia Helena Mendes ” Relatos de viagens: a trajetória dos textos sobre o Brasil”, in *Anais da XIV Reunião da RIHECQB: Ambiente, Natureza e Cultura perspectiva da História e Epistemologia da Ciência*. orgs Ana Maria Alfonso-Goldfarb & Maria Helena Roxo Beltran, 113-129. São Paulo : Livro Editora da Física, 2004.
- Figueira, Divalte Garcia. *História* . São Paulo: Ática, 2002. Volume único. 1ª Ed.
- Galindo, Marcos., & José Lins Mota Meneses & Maria Lúcia Montes. *Eu Maurício: Os espelhos de Nassau*. São Paulo: Instituto Cultural Bandepe, 2004.
- Galindo, Marcos & Lodewijk Huisman. *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês*. Recife: Massangana; MNC. 2001.V.1
- Galindo, Marcos. ”História do Brasil na Holanda”. Recife: *Revista Continente Multicultural*. V.1, 28- 33, 1º/01/2001
- Hobsbawm, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1780- Programa , Mito e Realidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977
- Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- Leeuwenhoek, Antonoj Van. *On the capillary Criculation [65th missivive]. Letter send to Royal Society*. In :L.Clendening ,comp. *Source Book in Medical History*. New York: Henry Schumam, 1960, 218-220
- Leite, Miriam L. Moreira. ”Naturalistas viajantes”. *História, ciência, saúde- Manguinhos*, Nov.94 / Fev.95, Vol.1 .Nº2, 7-19; disponível em: [www.sielo.br](http://www.sielo.br) acessado em 08/04/2008.

- Leite, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vol. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- Martins, Dante Teixeira. "A natureza na visão dos flamengos". *História Viva. Temas Brasileiros . O Brasil Holandês*. Ago /07. Nº 6 : 68-75
- Margrave, Jorge. *História Natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial. 1942. Trad. Mons. José Procópio Guimarães.
- Mello José Antonio Gonsalves. *Tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- Miceli, Paulo. "Nassau: uma utopia tropical". *História Viva Temas Brasileiros . O Brasil Holandês*. Agos / 07. Nº 6: .40-43.
- Nicolaus Copernicus. *On the Revolution of the Celestial Orbs. Book I*, 1543. In: A.E.E. McKenzie ed. *The Mayor Achievements os Science* , Vol.2 . Cambrigde, MA: Harvard University Press ,1960, 5-8.
- Oliveira, Carla Mary S. "Retratos de um mundo desconhecido" *História Viva Temas Brasileiros . O Brasil Holandês*. Agos / 07. Nº 6: 62-67
- Piso , Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1957. Trad. José Honório Rodrigues
- Puntoni, Pedro "A luta pela independência dos Países Baixos" in Megiani, Ana Paula Torres. "Na Europa as origens dos conflitos " *Revista História Viva. Temas Brasileiros Brasil Holandês*. Agos / 07. Nº 6, 13.
- \_\_\_\_\_. "Guerra em nome da liberdade civil " *Revista História Viva . Temas Brasileiros. Brasil Holandês*. Agos / 07. Nº 6, 86-91
- Prestes Maria Elice Brzezinski. *A investigação da natureza no Brasil colônia*. São Paulo: Analume; FAPESP, 2000.
- Rossi, Paolo. *Naufrágios sem espectador: A idéia de progresso*. São Paulo: UNESP, 2000.
- Seriapopi Gislaine Campos Azevedo & Reinaldo Serapopi, *História*. São Paulo: Ática, 2005.
- Sousa, Gabriel Soares . *Tratado descritivo do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1987.
- Stengers , Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Trad. Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002

- Stepan , Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira : Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica* . Rio de Janeiro, Artenova, 1976.
- Teixeira, M.P. Francisco & José Dantas. *História do Brasil da Colônia à República*. São Paulo: Moderna, 1983. 2ª ed.
- Thorndike, Lynn. *History of Magic and Experimental Science*. 8 vols. New York: Columbia University Press, 1923-58.
- Varnhagen, Francisco Adolfo de . *História Geral do Brasil*. 30 vol. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia ; USP, 1981
- Viana, Hélio. *História do Brasil*. 2 vol. São Paulo: Melhoramentos; 1963, 2ª edição.
- Wizntzer, Arnold. *Os judeus no Brasil Colonial*. São Paulo: Pioneira, 1960. Trad. Olívia Krãhe Thorndike.